



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Artes Aplicadas

Sonhei ser atriz

Documentário

Licenciatura em Design de Comunicação e Audiovisual

Lara Rodrigues Amaral | 20201260

Orientador:

Prof.^a Isabel Marcos

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciado em Design de Comunicação e Audiovisual, realizado sob a orientação científica da Professora Adjunta Isabel Maria Ramos Marcos, do Instituto Politécnico de Castelo Branco

julho de 2023

Composição do júri

Presidente do júri

Especialista, Pedro Motta da Silva

Professor-Adjunto Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Arguente

Especialista, Neel Vipinchandra Naik

Professor-Adjunto Convidado Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Orientadora

Especialista, Isabel Maria Ramos Marcos

Professora-Adjunta Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Dedicatória

Dedico este projeto inteiramente à minha avó, Purificação do Carmo Galinho, por me ter transmitido todos os seus valores. Por ter sido uma mulher cheia de sonhos, com uma alma enorme e uma força de vontade invejável.

Por me ter ensinado que as coisas simples da vida são as mais bonitas. E que o mais importante é a harmonia entre os que amamos.

A ti, avó! Realizei o teu grande sonho, ser atriz.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco por todo o apoio necessário, desde o meu primeiro dia de licenciatura.

A todos os professores que, durante este importante percurso, me ajudaram a alcançar mais com conhecimentos e a desenvolver novas competências.

Agradeço à minha orientadora, Isabel Marcos, por me ter acompanhado e aconselhado ao longo de todo o processo de realização do projeto.

Aos meus colegas que, de uma maneira ou de outro, tornaram esta jornada o mais leve possível, ao puxarem por mim.

Às mulheres entrevistadas, por partilharem as suas histórias comigo. De certa forma, marcaram muito a minha forma de ver a vida.

Ao meu avô Manuel por me ter acompanhado num percurso longo até à França, repetindo os caminhos da Diáspora, e por ter partilhado as suas histórias.

Ao músico Marco Ferreira (M-Pex), pela sua participação tão importante.

Ao José Carlos Proença, por ter tocado o Sino da aldeia de Videmonte, Guarda.

A todos que foram importantes ao longo deste percurso.

Por último, mas não menos importante, agradeço aos meus pais e aos meus irmãos, por me acompanharem neste processo e por me apoiarem em todas as decisões.

Resumo

O relatório seguinte descreve todo o desenvolvimento de um documentário, realizado no âmbito do projeto final de licenciatura em Design de Comunicação e Audiovisual.

O documentário tem como objetivo abordar uma perspetiva particular do papel da mulher na emigração, a partir da estória de uma senhora portuguesa, que já faleceu, retomando o seu percurso entre duas geografias, duas realidades, o confronto simbólico entre a raiz identitária do lugar onde nasceu e começou a trabalhar, numa aldeia da Beira Alta, e a viagem da vida em busca de uma esperança de futuro.

Este documentário tem, por isso, como finalidade prestar um tributo não apenas à principal protagonista, mas, através dela, às mulheres emigrantes que deixaram tudo para trás, menos o sonho, a determinação, a coragem, a resiliência e a alma de portuguesas excepcionais, sem o reclamarem. Mulheres que saíram do limiar da pobreza, material e cultural, e ousaram seguir os caminhos do desconhecido, do perigo, da ousadia de acreditar que a vida só é digna quando por ela se luta até ao fim.

Palavras-chaves

Documentário; Audiovisuais; Emigração; Mulheres.

Abstract

The following report describes the entire development of a documentary, carried out within the scope of the final project for the degree in Communication and Audiovisual Design.

The documentary aims to address a particular perspective of the role of women in emigration, based on the story of a Portuguese lady, who has already died, resuming her journey between two geographies, two realities, the symbolic confrontation between the identity root of the place where was born and started working in a village in Beira Alta, and life's journey in search of hope for the future.

This documentary therefore aims to pay tribute not only to the main protagonist, but, through her, to the emigrant women who left everything behind, except the dream, determination, courage, resilience and soul of exceptional Portuguese women, without complaining. Women who left the threshold of poverty, material and cultural, and dared to follow the paths of the unknown, of danger, of daring to believe that life is only worthy when you fight for it until the end.

Keywords

Documentary; Audiovisuals; Emigration; Women.

Índice Geral

Composição do júri	III
Dedicatória	V
Agradecimentos	VII
Resumo	IX
Palavras-chaves.....	IX
Abstract	XI
Keywords	XI
Capítulo I - Enquadramento	1
1.1. Introdução.....	1
1.2. Contextualização do projeto/problemática	3
1.3. Contextualização do subtema: emancipação da mulher.....	5
1.4. Definição do Projeto.....	9
1.5. Motivação	10
1.6. Objetivos	12
1.6.1- Objetivo geral.....	12
1.6.2 - Objetivos específicos.....	12
Capítulo II - Enquadramento Teórico	12
2.1 – O documentário como género narrativo.....	13
2.1.1 – Tipologia de documentários	13
2.2 - A emigração e a diáspora portuguesa em França.....	14
2.2.1 – O contexto local: o caso de uma aldeia da Guarda.	17
2.2.2 – Narrativas audiovisuais sobre a emigração	21
Capítulo III - Desenvolvimento do Projeto	22
3.1- Estudo de casos da filmologia.....	22
3.2 - Caso de Estudo.....	27
3.3- Pré-produção	29
3.3.1-Metodologia	29
3.3.2-Cronograma de trabalho.....	31
3.3.3- Orçamento	34
3.4- Produção.....	35

3.4.1- Contextos e locais de filmagem	36
3.4.2- Meios e recursos	42
3.4.3- A entrevista como método	44
3.4.4- Guião, planos e enquadramentos	46
3.4.4.1- Iluminação	47
3.4.4.2- Entrevistas: interpretação das narrativas.....	47
3.5- Pós-produção	60
3.5.1- Recursos materiais e tecnológicos (software)	60
3.5.2- Edição de imagem	62
3.5.3- Som e paisagem sonora	62
3.6- Promoção	64
3.6.1- Cartaz	65
3.6.2- Apresentação pública	66
4- Conclusão	67
Bibliografia e Webgrafia	69
Anexos	71

Índice de figuras

Figura 1- Gráfico evolutivo da emigração.....	16
Figura 2- Esquema sobre metodologia adotada	30
Figura 3 -Durante gravações a captar a beleza orquestral da água no rio Mondego	37
Figura 4 - Captar as formas, a luz e a mística silenciosa do “barroco das pedradas”: que ditava casamentos às raparigas da aldeia dos Trinta.	38
Figura 5 -Lugares vividos pelas “personagens” da narrativa, chão de muitas passadas	39
Figura 6 - A autora durante viagem a França com “passador” para experienciar, na atualidade, a aventura da emigração.	40
Figura 7- A autora durante a viagem a Bougival com Manuel Rodrigues, para registar, na atualidade, os locais que o mesmo habitou	41
Figura 8- Preparação da entrevista com Maria Augusta dos Santos, 75 anos, na sua casa (Trinta)	48
Figura 9- Augusta Santos e Cândida Fernandes, ex-emigrantes, abriram o “livro” das memórias.....	49
Figura 10- Manuel Rodrigues durante a conversa à volta da vida de emigrante...54	
Figura 11- Registo de imagem e do som do José Carlos Proença a fazer os "sinais" do sino (Videmoente, Guarda).....	64
Figura 12 - Cartaz de autoria própria.....	65

Lista de tabelas

Tabela 1 Planemento de trabalho	32
Tabela 2 Gráfico de gantt	Erro! Marcador não definido.

Capítulo I - Enquadramento

1.1. Introdução

O relatório presente surge no âmbito do projeto final do curso de licenciatura em Design de Comunicação e Audiovisual, da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB). Trata-se de uma etapa reveladora da aplicação de competências adquiridas ao longo do percurso académico, resultado da consistência de conhecimentos teórico-práticos, tanto da área do audiovisual como do design de comunicação. Um projeto final é, assim, um exercício com um duplo sentido: ser meio de avaliação e plataforma de preparação para os desafios do mercado de trabalho.

Seguindo estas duas premissas, e a vontade granítica de fazer algo em tributo a uma mulher extraordinária que merece perdurar para lá da sua familiaridade, o presente projeto enquadra-se na área do audiovisual. É um documentário com a duração de 38 minutos, numa narrativa sem pretensões históricas, mas na qual se pretende, acima de tudo, reativar a centralidade feminina nessa histórica “sangria” de portugueses, que deixaram o país “atrasado” e sem oportunidades, à procura do sonho de uma vida melhor noutros países mais desenvolvidos.

Purificação do Carmo Galinho, natural da aldeia dos Trinta, no concelho da Guarda, é a pessoa que permitiu o impulso para a realização deste documentário. Através de uma entrevista realizada em 2019, Purificação (São, no diminutivo habitual na comunidade e na família) fala da sua vivência enquanto emigrante em França, de como foi para lá, os sonhos que levou, e como começou tudo do zero.

Em 1969, contra a vontade dos pais e já como trabalhadora numa fábrica têxtil da sua aldeia natal, São decidiu partir para França, atrás do seu marido, que partira em 1964, levando consigo “a salto” os dois filhos de cinco e três anos. A força interior, por ela revelada, na esperança de uma vida com melhores condições, superou o medo e a insegurança. É a essa mulher que se quer dar voz, na primeira pessoa, para criar densidade e sentido de escuta, de cada palavra, de cada silêncio embargado pela emoção de dentro, que perdurou até ao fim.

Pretende-se seguir um fio condutor da narrativa em redor de estórias, seguramente comuns e interessantes, de emigrantes portugueses. Muitas destas vidas anónimas assim permanecem, como que fechadas num álbum de fotos antigas em baú, sem um lastro público que sirva propósitos pedagógicos e socioculturais para as gerações dos seus netos e bisnetos. Em suma, para a salvaguarda da memória coletiva. Pretende-se, de forma

simbólica, que descendentes de emigrantes sintam orgulho pelo que os seus pais e avós fizeram para terem um futuro melhor. Trata-se, afinal, de uma “marca” forte na identidade dual de portugueses que viveram entre cá e lá, entre uma pátria que só depois de velhos voltaram a reencontrar, depois de nela reerguerem a tão sonhada casa para o resto da vida.

Para cumprir os objetivos apresentados, o documentário foi projetado e realizado para um dia poder atingir mais público e também outros contextos, além do da escola.

Como tal, para a divulgação do mesmo, foram criados um cartaz e um trailer. Pretende-se que este projeto seja apresentado em localidades rurais, em exibição de estreia na aldeia dos Trinta (Guarda), para que a partir dele se possam gerar dinâmicas de reativação do tema, entre quem passou pela experiência, (e dessa primeira geração de emigrantes restam poucos) e gerações seguintes. Pode inclusive gerar-se um prolongamento dos efeitos, em novas perspetivas a explorar em termos pessoais, num eventual novo projeto piloto de museologia comunitária participativa, em que o meio audiovisual e o design de comunicação sirvam esse propósito, em parceria com entidades e forças vivas locais.

Para atingir uma geração mais jovem, tanto o cartaz como o trailer, serão partilhados em plataformas que, atualmente, são as mais usadas por este público, como o Instagram, Facebook e o Youtube. Aplicam-se, desta forma, outras competências e ferramentas adquiridas e aprofundadas em áreas curriculares da licenciatura, tais como design gráfico e media digitais.

Em termos de estrutura, este documento divide-se em três partes principais. Na primeira é feito o enquadramento do projeto, a sua apresentação, os objetivos e motivação para o tema, bem como uma síntese de contexto.

Na segunda parte, a contextualização iniciada anteriormente é aprofundada e fundamentada teoricamente. São aqui apresentados diversos pontos relativos ao género documental e à emigração, com recurso a uma bibliografia diversa.

A terceira parte corresponde ao desenvolvimento do projeto, onde são explicadas todas as fases de produção e as escolhas tomadas. Por fim, apresentam-se as conclusões na quarta parte, onde é feita uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido.

1.2. Contextualização do projeto/problemática

O presente projeto audiovisual enquadra-se numa abordagem livre sobre o tema geral da emigração portuguesa, particularmente considerando o caso da França como país de acolhimento e de esperança. Não nos interessa focar sobre a dimensão económica do fenómeno, o quanto contribuiu para a conquista de uma estabilização financeira e patrimonial dos seus protagonistas, mas sim a nível sociocultural, isto é, relacionado com a vida concreta dos seus protagonistas e as mudanças que essa experiência lhes permitiu. Quer na melhoria da condição social inerente à qualidade de vida, com remunerações capazes de garantir, aos poucos, melhor habitação, acesso a cuidados de saúde e bens de primeira necessidade, quer na lenta transformação cultural inerente ao “choque” de hábitos, costumes e valores de uma urgente adaptabilidade a uma língua desconhecida e a tudo o que lhe está associado. A emigração foi também, em certa medida, uma “escola” paralela de abertura a todo um mundo novo para quem, como a protagonista deste projeto, parte com horizontes limitados na desesperança de viver sempre do mesmo e sem sair do lugar de sempre. Quantas destas pessoas da primeira geração de emigrantes da década de 60 teriam a oportunidade de sair da sua limitada vivência dos meios rurais para uma experiência mais universalista, de uma abertura que é emancipatória a todos os níveis.

A emigração tem, na nossa opinião, duas vertentes que importa destacar. Uma que ilustra a dureza dos primeiros tempos, a partida a medo, as agruras do longo caminho desconhecido, o temor de serem apanhados e impedidos de seguir a viagem da vida. Esta é uma etapa que corresponde a um extraordinário teste de resistência psicológica humana, ela própria reveladora do que se é capaz de fazer quando se trata de sobreviver. Guiados por uma determinação de “chegar e vencer”. A outra, já numa fase de estabilização laboral e pós barracas de Bidonville¹, que retrata a normalidade vivencial de cidadãos já integrados na nova realidade administrativa, profissional, social e cultural, fazendo dos portugueses, de modo geral, pessoas com uma fortíssima capacidade de adaptação ao desconhecido. É toda esta mundividência a que, naturalmente, não temos ousadia de neste projeto explorar, porquanto

¹ Essencialmente masculino e oriundo das regiões rurais do norte e centro do país, o fluxo migratório em massa com destino à França, ficou desde logo assinalado pela vida difícil dos portugueses nos “bidonvilles” dos arredores de Paris. Enormes bairros de lata, com condições de habitabilidade deploráveis, sem eletricidade, sem saneamento nem água potável, construídos junto das obras de construção civil, como os de Saint-Denis ou Champigny, que na década de 60 albergou mais de uma dezena de milhares de portugueses, tornando-se um dos principais centros de distribuição de trabalhadores de nacionalidade lusa em França. (Bastos. Daniel, 2019, in: <https://www.tveuropa.pt/pais/a-memoria-historica-dos-bidonvilles-portugueses-em-franca/>)

se trata apenas de contribuir, numa determinada perspetiva, para ativar zonas silenciosas de vidas cujo esquecimento pode significar um desgaste emocional, para os próprios, e, num plano mais geral, uma perda de memórias com um importante significado para a história comum de Portugal, país de onde na década de 60 e 70 saíram milhares dos seus à procura de melhor vida, como explicaremos mais à frente neste trabalho.

Como tal, desde sempre se teve presente a ideia de desenvolver/realizar um documentário onde fosse possível contar uma de muitas histórias, de uma ou mais pessoas, que, de certa forma, fizeram parte do processo de emigração. Dando assim oportunidade de mostrar/falar de experiências de vida, contribuindo para a sensibilização de uma situação passada que, fruto da sua forte influência, contribuiu para a própria noção e objetivos em redor do projeto da construção Europeia. Em certa medida, a emigração foi também um veículo para a abertura e intensificação de novas políticas de abolição de fronteiras e para a construção de uma economia de fluxos de pessoas e bens, cada vez mais global.

A nossa geração é, por isso, historicamente devedora dos protagonistas das inúmeras diásporas de uma portugalidade que ganhou ramificações em todo o mundo, particularmente na Europa central onde a França desempenhou um papel principal. E a História não pode, não deve esquecer quem foram essas pessoas. Por mais simples e comuns que tenham sido, há histórias heroicas que merecem ficar para a História. Que delas se reflita de forma multidisciplinar, explorando perspetivas e ângulos de abordagem que podem inspirar futuros.

É esse o propósito deste trabalho, lembrar o exemplo de Purificação do Carmo Galinho, mais conhecida localmente na sua terra por São, que foi uma de muitas mulheres que emigrou na primeira década de 60 do Séc. XX. Começou, de menina, a enfrentar a necessidade de “ganhar a vida”, trabalhando desde os seus 14 anos numa fábrica têxtil, dimensão que se explora mais à frente no enquadramento do contexto local. Paralelamente, ia com seus pais para as minas de exploração de minérios radioativos, na aldeia dos Trinta, região central (Beiras) onde se localizavam os jazigos urano-radíferos mais importantes do país, num total de 60 minas para a produção de rádio e urânio, desde os inícios do séc. XX (1911).²

Aos 27 anos, decidiu sair do país, depois do seu marido, levando consigo os dois filhos, contra a vontade dos seus pais, cuja viagem e destino lhes metia medo e insegurança. O chamamento da esperança e reencontro com o marido, Manuel Fonseca Rodrigues, era maior

² Cfr. <https://www.ordemengenheiros.pt/pt/agenda/webinar-o-uranio-em-portugal-da-exploracao-a-remediacao-ambiental/> (acesso 6/04/2023)

do que o aconchego de uma lareira de pedra na velha casinha da aldeia. Foi esse chamamento que determinou a partida da mudança no rumo da vida.

Com a realização deste projeto, foca-se indiretamente a problemática da emigração como recurso de sobrevivência com todas as implicações e mudanças associadas. Mas também a sua virtude para o processo de desenvolvimento pessoal e profissional e respetiva emancipação em domínios da vida singular de mulheres, que assim mais oportunidades tiveram de sonhar e concretizar, de forma mais plena, a sua cidadania e desejos pessoais. Como produto audiovisual, este projeto, no que se refere ao *output*, pode não obter das novas gerações a atenção no conteúdo, por se referir a um tema do passado, e por isso estarem menos interessadas sob o ponto de vista dos consumos culturais das novas gerações na atualidade.

Dado este ponto de vista, pretende-se desenvolver uma abordagem mais contemporânea, para que estas novas gerações vejam no tema do projeto uma outra forma de compreender a nossa história comum no que se refere ao papel das mulheres na emigração.

1.3. Contextualização do subtema: emancipação da mulher

Com o início do processo de trabalho, desenvolveu-se pesquisa sobre a voz da mulher relativamente à emigração. Na época de 60-70, em Portugal, as mulheres não tinham uma voz muita ativa em relação ao que queriam para a sua vida. Tal como muitas outras mulheres coragem, Purificação Galinho fez a escolha de ir para França, onde já se encontrava o seu marido, sem ele saber. Já aqui, existe uma realidade que não era habitual: Uma mulher com dois filhos toma sozinha a decisão de seguir a sua própria vontade. Esta postura assume, à época, uma demonstração de emancipação, uma libertação do poder paternal, por um lado, tornando-se independente nas suas escolhas e no caminho a seguir, por outro. Só por si, este ato constituiu um importante exemplo da transição social entre contextos tradicionalmente patriarcais e conservadores no modo de educar e condicionar a vida dos filhos, sobretudo em meios pequenos como as aldeias da Beira Alta, e o lugar da mulher fora do estereótipo de “dona de casa”, prendada para as lides da cozinha e afins sob “controlo” do género masculino, pai ou marido.

As estórias de vida da nossa protagonista revelam, de certa forma, um movimento crescente de emancipação das mulheres. Neste caso, a partir de um olhar videográfico que não se pretende que seja etnográfico, como objeto descritivo, mas mais poético e simbólico. No fundo, é em certa medida um ato sucedâneo do que aconteceu há mais de seiscentos anos, com as mulheres a darem início a manifestações contra a submissão a que estavam sujeitas pelos

seus parceiros masculinos e a lutarem pelos seus direitos enquanto seres humanos inseridos na sociedade. No decorrer dos séculos, a imagem da mulher era sinónimo de serva, enquanto ser homem significava ser livre.

As funções predominantes da mulher eram a reprodução, o cuidar do lar e a educação dos filhos. Até ao séc. XIX, de acordo com as referências científicas³, verificou-se um grande desenvolvimento intelectual do homem, enquanto as mulheres se mantiveram estagnadas. Esta atitude e a inferioridade a que as mulheres eram submetidas levaram a que começassem a contestar a desigualdade de género, sobretudo no acesso ao trabalho e à educação, procurando obter a mesma liberdade e as mesmas oportunidades que os homens usufruíam. Ao longo da História, desde sempre, a mulher foi alvo de distinção, subordinada pelo homem, de acordo com as várias culturas e sociedades, que muitas vezes se caracterizou por machista.

Não cabe neste trabalho fazer uma longa explanação sobre a temática, mas apenas elencar o que nos parece essencial para compreender que o processo emancipatório tem raízes profundas em movimentos, lutas e em corajosas vidas de mulheres marcantes que, pelos diversos meios (literatura, arte, política, ciência, profissão, etc.) foram pioneiras na transformação e evolução na conquista dos direitos universais de igualdade de género. Algo que ainda está longe de ser uma realidade plena, nomeadamente em contextos onde vigoram os regimes políticos autocráticos, os fundamentalismos e moralismos religiosos, a sacralização masculina dos valores e das competências.

No plano profissional, também em democracias e Estados de Direito, como em Portugal, persistem distinções salariais e de acesso a determinadas profissões. ⁴ É, por isso, curioso que a protagonista deste projeto também aí tenha sido um caso que contraria essa visão moralista e estereotipada, já que, no plano do trabalho fora de casa, foi sempre uma mulher a desempenhar tarefas habitualmente entregues a homens. Primeiro, na exploração do urânio numa mina, depois a manobrar máquinas de produção têxtil e, já em França, numa fábrica de produção e embalamento de parafusos, ao lado do marido. Talvez tenha sido esse um aspeto central na sua autonomização e na afirmação feminina para lá da ideia generalista de que a partida servia, apenas, para cumprir um desejo de reunificação familiar. O projeto de vida da

³ Cfr. <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/110/mulher-e-sua-emancipacao>

⁴ De acordo com os dados nacionais mais recentes disponíveis, relativos a 2015, a diferença salarial entre homens e mulheres persiste, sendo de 16,7% na remuneração média mensal de e de 19,9% no ganho médio mensal (que contém outras componentes do salário, tais como compensação por trabalho suplementar, prémios e outros benefícios, geralmente de carácter discricionário), ambos em desfavor das mulheres. Cfr.: https://cite.gov.pt/documents/14333/144891/Desigualdade_salarial.pdf

nossa protagonista prova, além dessa perspectiva, também presente, que a guiou uma determinação em alcançar melhores condições com a força do trabalho, não se retendo em integrar o setor de serviços domésticos, talvez o principal a acolher mulheres portuguesas emigrantes como donas-de-casa ou empregadas domésticas, muitas vezes em contextos informais e sem um enquadramento de segurança social para o futuro.

Purificação Galinho assume-se com uma postura própria, uma vontade firme, de não ser vista como passivamente dependente do “ganha-pão” do homem. Uma mulher que “arregaça as mangas” não apenas para as lides diárias da casa. Mas para esbater esse preconceito herdado do contexto social da aldeia natal, e entregar-se à “luta” de agarrar as oportunidades de um país industrializado e mais aberto, à igualdade de género, como era a França. Ou não fosse o “berço” da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (Déclaration des Droits de l’Homme et du Citoyen) após a famosa revolução de 1789 que levou à abolição da monarquia absoluta e à instauração da primeira República Francesa. No século XIX, esta importante Declaração inspira textos similares em numerosos países da Europa e da América Latina. A tradição revolucionária francesa também está presente na Convenção Europeia dos Direitos do Homem, assinada em Roma em 4 de novembro de 1950.⁵

Se aí se determinava, no primeiro artigo, que «os homens nascem e são livres e iguais em direitos», mais ainda fica claro, no art. 6, que:

«[...] todos os cidadãos têm o direito de concorrer, pessoalmente ou através de mandatários, para a sua formação. Ela deve ser a mesma para todos, seja para proteger, seja para punir. Todos os cidadãos são iguais a seus olhos e igualmente admissíveis a todas as dignidades, lugares e empregos públicos, segundo a sua capacidade e sem outra distinção que não seja a das suas virtudes e dos seus talentos».

Esta matriz de princípios alastra-se e assume-se como pilar do desenvolvimento socioeconómico, sendo motor de transformações perenes até aos nossos dias. Por isso, é natural que uma mulher com a “fibra” de Purificação rapidamente incorpore essas determinações que sustentam, na prática, as opções de emancipação que passam a ser uma espécie de “mundo aberto” para a expressão das virtudes (na linha da Declaração dos Direitos), das qualidades humanas e das competências profissionais que, afinal, excluindo as comparações genéticas de força física, podem ser plenas de igualdade. Isso deu a esta mulher – como naturalmente a muitas outras nas mesmas circunstâncias – uma especial liberdade e

⁵Cfr.: <https://br.ambafrance.org/A-Declaracao-dos-Direitos-do-Homem-e-do-Cidadao> (acesso a 08/04/23)

conquista de um papel preponderante na autodeterminação do seu próprio percurso de vida e dos sonhos que pode alimentar.

Em certa medida, encontramos semelhanças motivacionais nos atuais movimentos de imigração feminina em Portugal, onde «um número expressivo de mulheres migra hoje no encaço de melhores condições de vida, tentando esbater estatutos de menoridade social e escapar à discriminação, ao preconceito e à opressão a que estão expostas nos seus países de origem» (Neves, et. al. 2016).

Ainda que haja muitas diferenças entre períodos e contextos históricos e políticos sobre as características dos processos de afirmação feminista e emancipatório, ao longo dos tempos, o que aqui está em destaque é considerar a emigração dos anos 60 - a que reporta o caso em estudo - como uma ocasião determinante para a concretização e conquista de direitos, como o da igualdade de género no acesso a um trabalho socialmente valorizado. E o modo como esse enquadramento profissional pode permitir concretizar aspetos fundamentais da condição feminina, em coisas básicas como capacidade de aquisição de indumentárias da moda e novos produtos de beleza, algo que contribui, à sua maneira, para aumentar a autoestima e com ela melhor satisfação e felicidade com a vida. A nossa protagonista, pelo conhecimento direto e convival que tivemos a sorte de ter, assim o afirmava, tendo a França sido um “palco” de abertura para essa emancipação pessoal e cultural onde se ganharam novos hábitos, gostos e se conquistou o direito à plenitude de ser mulher feliz, contrariando um certo fechamento social do contexto rural de onde saiu.

1.4. Definição do Projeto

Para reforçar este ângulo de abordagem, mostrando o lado das mulheres em temas que, muitas vezes, não contam a sua história, o nosso documentário pretende apresentar a entrevista da Dona Purificação, acompanhada com imagens feitas por uma câmara Handcam hi8. Estas imagens de cassete vão representar o passado, uma vez que a Dona Purificação já não está viva. Para representar o presente, entrevistámos o marido, Manuel Rodrigues, sobre a vida dela no país de acolhimento. E vamos incluir também mulheres contemporâneas da protagonista, a quem daremos voz.

Para estabelecer ligações ao contexto do lugar onde a protagonista nasceu e ainda trabalhou, numa fábrica têxtil, pretendemos apresentar algumas tradições para enaltecer formas socioculturais que marcaram, direta ou indiretamente, os modos de viver e sonhar o futuro, e que podem estar esquecidas por falta de registos escritos e de imagens. Uma delas é o “barroco das pedradas”, lugar esquecido, mas que guarda segredos sobre a tradição do casamento: quando uma rapariga tinha intenção de poder casar atirava uma pedra para cima do barroco grande. Se a pedra não rebolesse, significava que a pessoa se iria casar. Ainda hoje se vê um longo carreiro de pedras em redor do barroco, resultado dessa simbologia popular.

Como já se referiu antes, uma das atividades secundárias importantes para o sustento das famílias foi as minas de extração do minério, ali explorado na primeira metade do século XX. Quem entrava nas minas mais apertadas eram as crianças, isto porque cabiam lá dentro. E Purificação Galinho pertencia ao grupo destas crianças.

Um outro elemento que queremos apresentar é o toque do sino da aldeia, um dos métodos mais simples de comunicação, com toques ou “músicas” distintas para cada ocasião. O sino é muito mais que um símbolo da religiosidade católica, desempenha uma ligação aos ciclos da vida comunitária e uma presença unificadora de rituais humanos de pertença aos lugares.

O nome que escolhemos para o documentário é “**Sonhei ser atriz**”. Não é uma designação direta sobre o tema orientador (as mulheres na emigração), mas uma expressão da própria protagonista que tinha o sonho de, um dia, ser atriz. Daí dar-se ênfase ao subtema (a emancipação das mulheres), através desta dimensão dos sonhos que, na maior parte das vezes, não eram realizados. Na ironia do destino, de certa forma este projeto concretiza esse sonho ao transformar-se em “atriz” de um pequeno filme, a partir do seu percurso de “representação” na vida real. E o que é a vida senão um “palco” de desempenhos multidimensionais e

multifacetados, entre dramas, tragédias e também comédias numa trilogia que agrega, de forma inesperada, os sentidos de se ser humano nas representações do dia a dia.

Por norma, um produto audiovisual é “construído” a partir de um som/música base. Decidimos escolher uma metodologia diferente. Decidimos então convidar um músico conhecido como M-PeX (Marco Miranda)⁶ para fazer parte deste projeto, ao autorizar a utilização da sua discografia. Trata-se de um músico da nova geração que reinterpreta, de forma muito criativa, o uso da guitarra portuguesa «culminando num caldeirão musical ousado e inovador». Entrámos em contacto e obtivemos uma resposta positiva. Este disponibilizou toda a sua discografia, excluindo um álbum, e pede para acompanhar o processo de desenvolvimento do projeto.

Acreditamos que este exercício partilhado pode suscitar reações criativas mais genuínas e espontâneas, dando outra dinâmica e outra profundidade ao documentário, que queremos construir como “objeto” mais artístico, com uma estética própria na apresentação e produção dos conteúdos audiovisuais.

A guitarra portuguesa foi escolhida propositadamente, porque é um instrumento típico português. Mais do que isso, é um instrumento que “toca” a alma portuguesa, esteja onde estiver, transmitindo sensibilidade e paixão. Juntar a componente de música eletrónica à guitarra portuguesa dá uma personalidade muito forte às imagens e é algo que pensamos que ainda não foi muito explorado na área da cinematografia.

1.5. Motivação

Ser neta da mulher emigrante a que fazemos tributo é a nossa primeira motivação para abordar o tema da emigração no projeto final de curso. Sempre nos questionámos como é que as pessoas tinham coragem de deixar tudo o que construíram para trás e começar tudo do zero, num país diferente. Sempre ouvimos mais histórias dos homens que emigravam, de como saíam do país, e procuravam ter um fundo de rendimento para depois as mulheres conseguirem ter uma base para levar os filhos.

As mulheres eram “obrigadas” a ir ou iam por vontade própria? Provavelmente, muitas destas mulheres emigrantes nunca puderam opinar sobre ir ou ficar na sua terra natal onde

⁶ Ver mais em: <https://freemusicarchive.org/music/M-PeX/>

tinham tudo. Claramente que o contexto socioeconómico da época não era o mais fácil. A pobreza, a ditadura e a falta de perspectivas de futuro num Portugal tacanho, atrasado e sem saída, fazia com que os portugueses olhassem lá para fora, “para a Europa”, com a sensação de que era legítimo sonhar e desejar, ser-se ambicioso, querer qualquer coisa da vida que não fosse aquele conformismo do tradicional português humilde, votado a uma existência de privações, quando não mesmo de miséria.⁷

É também este aspeto que nos interessa, o de revisitar um tema, em pleno Séc. XXI, ao qual pouco ou nada já diz à terceira geração de descendentes de emigrantes, na qual nos incluímos. A presença da nossa avó Purificação foi tão marcante na nossa própria infância que a motivação é prolongar esse efeito extraordinário de como pessoas simples se transformaram, não apenas em recursos materiais, mas muito mais importante nos valores que transmitiram aos seus e na humanidade tranquila com que enfrentaram o resto dos dias, na etapa do pós-regresso definitivo às origens. Também aqui encontramos, em nosso entender, uma relação de transformação social positiva no contexto territorial de nascença. De onde um dia houve coragem de sair, seguiu-se o dia de um regresso para sempre. Esta dualidade de lugares e de pertenças, entre duas partes da vida, também tem uma carga simbólica muito significativa para a consciência de que o ser humano é, por natureza, um ser em viagem, em transição, em passagem. De forma literal, essas viagens entre dois países de realidades diferentes, um limitado nas oportunidades, outro aberto às esperanças, foi em si mesmo um processo de enriquecimento na amplitude de horizontes e modos de ver o mundo. Desde logo a própria formação linguística, aprendida pela prática do “confronto” com a necessidade intercultural de se promoverem diálogos de entendimento entre falantes de culturas e meios distintos.

A nossa motivação é, pois, intrínseca e profundamente comprometida com um futuro que não prescindia do passado com pessoas que contam, mesmo que à luz das grandes narrativas históricas fiquem para sempre anónimas e insignificantes. A nossa motivação é prolongar o efeito de regeneração intergeracional para que os ciclos de transição não sejam um vazio de memória sobre quem nos antecedeu no sangue de uma imensa genealogia portuguesa de que nos devemos orgulhar, por mais humildes que tenham sido os nossos antepassados. E amanhã o passado somos nós próprios.

⁷ Cfr.: <https://www.gqportugal.pt/emigracao-portuguesa-em-franca> (acesso a 12/04/2023)

1.6. Objetivos

Decidida a motivação do projeto, passamos à definição dos objetivos que irão orientar a sua produção e execução, bem como mensurar a evolução, os aspetos práticos do planeamento e o alcance qualitativo do produto final: o documentário. Assim, passamos a enunciar o objetivo geral e os específicos.

1.6.1- Objetivo geral

Realizar um documentário inspirado na temática da emigração em geral, e das mulheres em particular, como objeto de salvaguarda da memória de um fenómeno historicamente marcante para Portugal.

1.6.2 - Objetivos específicos

- Homenagear uma mulher emigrante de uma aldeia da Beira Alta que teve influência direta na nossa própria forma de ver a vida.

- Usar estórias e testemunhos autobiográficos de mulheres emigrantes para a compreensão das mudanças socioculturais e emancipatórias.

- Aplicar competências teórico-práticas na área da investigação em comunicação e produção audiovisual.

Capítulo II - Enquadramento Teórico

Nesta parte, fazemos uma descrição sobre o género documentário como recurso narrativo da filmologia, os diversos tipos de documentários, e passamos a um breve enquadramento histórico sobre o fenómeno da emigração em Portugal, com recurso aos dados estatísticos, e uma aproximação ao contexto local de onde partiu a protagonista que inspirou o nosso trabalho.

2.1 – O documentário como género narrativo

O documentário surgiu no final do século XIX e início do século XX, com o desenvolvimento do cinema como uma forma de arte e entretenimento. Inicialmente, os documentários eram vistos como uma forma de registar eventos históricos e culturais, como viagens dos exploradores, desfiles militares, cenas de guerra, entre outros. Tal como se refere na bibliografia consultada⁸, um dos pioneiros do documentário foram os cineastas franceses Auguste e Louis Lumière, que, em 1895, criaram o cinematógrafo, uma invenção que permite a filmagem e exibição de filmes em movimento. Os irmãos Lumière, junto com outros cineastas, começaram a registar cenas da vida quotidiana e a produzir filmes sobre diversos assuntos, como desportos, indústria, animais, etc.

Ao longo das décadas seguintes, o documentário evoluiu como uma forma de arte e expressão, explorando diferentes estilos e abordagens. Na década de 1920, o cineasta russo Dziga Vertov cria o movimento do cinema-verdade, que procurava registar a realidade de forma objetiva, sem a necessidade de dramatização ou ficção. Na década de 1930, o documentarista britânico John Grierson definiu o termo “documentário” como uma forma de cinema que tinha como objetivo documentar a realidade e informar o público, sendo uma das mais importantes formas de educar a sociedade. Este autor sustenta, como explicam Gregolin *et.al.*⁹, que o documentarismo é essencial para a solução de problemas sociais aí retratados, sendo formas de educação e acesso ao conhecimento.

As mesmas autoras aqui citadas contextualizam (s/d, p.11/12) que a partir dos anos 1960, o documentário começou a explorar novas formas de linguagem e estilos mais subjetivos, como o direto, participativo e poético. Nos últimos anos, o documentário tem vindo a mostrar-se uma forma cada vez mais revelante de abordar temas sociais, políticos e culturais, e tem conquistado espaço tanto nos festivais de cinema como nas plataformas de *streaming*.

2.1.1 – Tipologia de documentários

Bill Nichols, crítico de cinema e teórico americano, apresenta, no seu livro *Introduction to Documentary*, uma lista dos diferentes géneros de documentário. No total são apresentados

⁸Cfr. <https://institutedecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema> (acesso a 01/04/23)

⁹ Cfr. <https://www.bocc.ubi.pt/pag/tomba-rodrigo-web-documentario.html> (acesso 01/04/23)

seis modos de representação ou subgênero, que são apresentados por ordem cronológica designados por: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performativo. (Almeida, 2014, p.26).¹⁰

Neste projeto, faremos um enquadramento teórico-prático que melhor serve os objetivos do nosso documentário, nomeadamente o modo poético. Este é descrito como sendo um subgênero que utiliza uma linguagem visual e sonora mais poética e subjetiva para explorar um determinado tema ou assunto. Neste estilo de documentário a ênfase está na expressão artística e na criação de uma atmosfera emocional que envolve o espectador. Este utiliza recursos estéticos, como a fotografia, a música, a narração, a montagem e a poesia, para criar uma experiência sensorial para o espectador. Muitas vezes, explora temas como a natureza, a memória, a identidade, a cultura, a espiritualidade e outros assuntos que envolvem questões emocionais e subjetivas. O objetivo é levar o espectador a uma reflexão profunda e pessoal sobre o tema em questão, utilizando a linguagem poética para criar um impacto emocional e artístico.

Consideramos que o nosso documentário se enquadra neste subgênero, pois a maior parte dos elementos foram pensados de forma que os espectadores se sintam ligados ao tema, não de maneira linear e descritiva, mas com um “jogo” de produção entre o uso de imagens, sons originais captados e transformados, de modo que o “produto” final culmine numa narrativa mais contemporânea.

Já o modo expositivo, como refere Almeida (2014), tem como objetivo apresentar informações objetivas e claras ao espectador. Este é utilizado para tratar temas específicos, como, história, ciência, política e cultura. Geralmente o cineasta utiliza imagens de arquivo para apresentar informações sobre o tema. O objetivo é fornecer ao público uma visão detalhada e geral do assunto.

2.2 - A emigração e a diáspora portuguesa em França

Portugal é um país marcado pela emigração. Entre as principais razões estão os períodos da sua história onde a prosperidade é interrompida por constrangimentos externos, como foram as duas Guerras Mundiais (1914-18 e 1939-45) e o *crash* da bolsa de Nova Iorque (1929) e a Guerra Civil Espanhola (1936-39). Acontecimentos que influenciaram negativamente o contexto interno no desenvolvimento económico-social já, de si, muito fraco e sem

¹⁰ Cfr. <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/233/266> (acesso a dia 1/04/23)

oportunidades. Um país marcadamente rural, com instabilidades políticas, e governado, desde 1933 até à revolução de 25 de abril de 1974, pelo Estado Novo. Um regime político ditatorial, autoritário, autocrata e corporativista que deixou marcas no atraso e fez perdurar a penúria durante 41 anos ininterruptos, desde a aprovação da Constituição portuguesa até ao período da transição para a democracia. Por outro lado, a chamada Guerra de Ultramar (1961-1974) também marcou um período de mobilização de jovens para os efetivos de combate em Angola, Guiné e Moçambique. E muitos, por medo ou convicções ideológicas, optaram pelos caminhos da emigração, mesmo correndo riscos de vida e passando por diversas privações.

Todo este contexto tem uma clara influência nos fluxos da emigração, sobretudo o que se refere à segunda vaga no pós II Guerra Mundial, registada em termos estatísticos a partir de 1960. De acordo com os dados disponíveis (Pordata, a partir do Instituto Nacional de Estatística -INE)¹¹, conforme gráfico em baixo, podemos ilustrar a “sangria” demográfica com a saída de 32.318 indivíduos de Portugal, com valores sempre a subir até 1973, com um pico máximo de 120.239 pessoas em 1966. É de destacar, fazendo-se a soma de subtotais entre 1960 a 1974, que emigraram um total de 940 720 indivíduos.

Quase um milhão de portugueses que, em 14 anos, deixaram o país à procura de melhores condições de vida noutras paragens. Um dado curioso é que se regista uma significativa quebra em 1975 (24.811) a que não será indiferente ser o ano que se segue à Revolução de Abril, que fará 50 anos em 2024. Parece ser evidente que a transição de regime político, de uma ditadura para os primeiros passos de uma democracia, surtiu efeito no estancamento de saídas talvez pela natural consequência nos níveis de esperança e confiança no futuro, a partir daí. As décadas de 70, 80 e 90 registaram uma média regular entre os 20 e os 30 mil emigrantes por ano, para uma nova subida acentuada a partir de 2011, com 100 mil indivíduos a procurar outras geografias, com o maior pico de sempre em 2014 com 134.624 pessoas (ver gráfico em baixo).

Portanto, conclui-se que o fenómeno migratório é intemporal e tem altos e baixos, em termos numéricos, em consequência de realidades mais ou menos desfavoráveis no acesso ao mercado de trabalho, às oportunidades de desenvolvimento económico e social e respetiva estabilização profissional.

¹¹ Para interpretação mais completa consultar:
<https://www.pordata.pt/db/portugal/ambiente+de+consulta/tabela> (acesso a 13/04/2023)

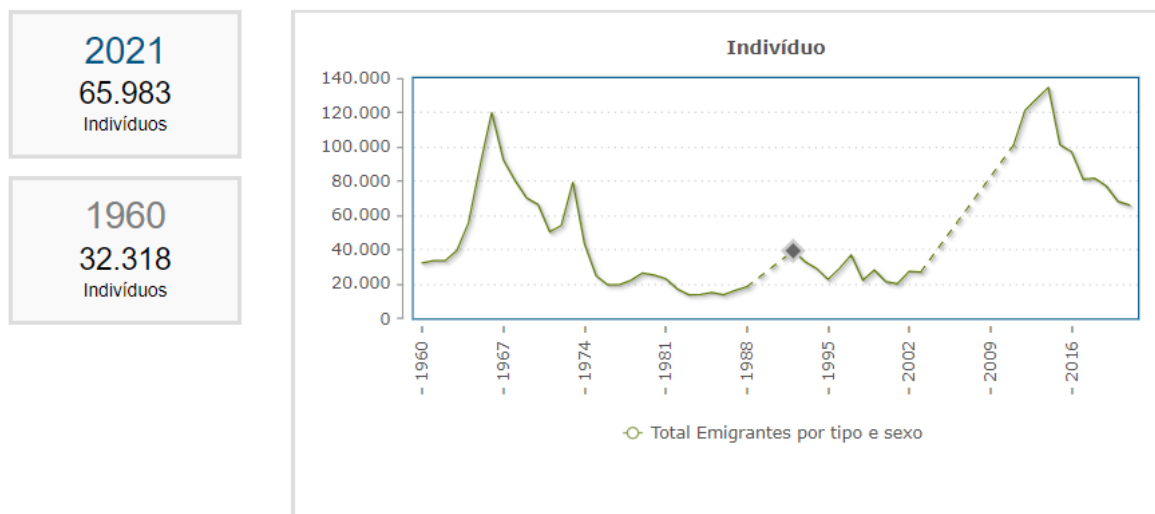


Figura 1- Gráfico evolutivo da emigração

Fonte: <https://www.pordata.pt/portugal/emigrantes+total+e+por+tipo+e+sexo-23>

O perfil da emigração altera-se histórica e geograficamente, conforme contextualiza Albertino Gonçalves (2014) num texto sobre emigração dos anos 60 numa brochura editada pela Câmara Municipal de Melgaço e Associação “Ao Norte”, a propósito de um festival de documentário sobre temas da emigração, na sua edição zero de 2014.¹²

Tal como refere o autor, o recrutamento é transversal a todo o país, embora com destaque para o Norte e Centro Interior. Quanto ao destino, o Brasil predominou até à década de 1950 e a França na década de 60. Curiosamente, a realidade atual continua a revelar que a emigração não foi apenas um recurso de vida circunscrito a esse período histórico das primeiras décadas do séc. XX, havendo hoje, inclusive, mais portugueses emigrados do que nessa altura, como revelam os dados disponibilizados pelo Observatório da Emigração¹³.

Só em 2017, estão registados perto de 2 milhões e 300 mil indivíduos que deixaram Portugal, maioritariamente para países europeus (1 milhão e 500 mil), onde a França continua a ter lugar de destaque. O que muda, e muito, é o estatuto que passou de emigração clandestina (a “salto”) para legal, e as características socioprofissionais. Se nos anos 60 partiram operários, trabalhadores indiferenciados com pouca escolaridade ou nenhuma, hoje estamos em presença de uma emigração qualificada, conhecida como a “fuga de cérebros” (*brain drain*) como revelam os mais recentes estudos sobre a nova emigração portuguesa, efetuados

¹² Cfr. <https://mdocfestival.pt/arquivo/catalogos/fdh014.pdf>

¹³ Cfr. <http://observatorioemigracao.pt/np4/1315/>

entre 2012 e 2015, num período de grande crescimento do volume de saídas em contexto de crise económica e social.¹⁴

As motivações desta deslocação permanente, pese embora as diferenças temporais e sociais, parecem ser mais ou menos iguais: sempre a procura de melhores oportunidades e condições de vida para enfrentar o futuro e os desafios profissionais (realização pessoal) e de constituição familiar (núcleo principal de agregação afetiva e realização partilhada). Os surtos migratórios, sejam quais forem os destinos, as épocas e as razões de cada contingente humano, acarretam em teoria inúmeros impactos. Uns negativos, no plano geral, com efeito direto nos índices demográficos com cada vez menos pessoas em zonas mais afetadas pela emigração, como é o caso das aldeias do Interior. Outros positivos, no plano individual, na medida em que é através da emigração que cidadãos se realizam materialmente e alcançam níveis de qualidade de vida que, doutro modo, não seria possível. E também no contributo que deram à economia do país, com a transferência de remessas financeiras para os bancos portugueses, com destino ao “pé-de-meia”, designação popular das poupanças.

Regressando às motivações da partida, vamos de seguida fazer uma breve descrição do contexto concreto da aldeia de onde é natural Purificação do Carmo Galinho e o seu marido, dois dos muitos emigrantes que na década de 1960 que dali se aventuraram para essa longínqua e desconhecida terra da esperança: a França.

2.2.1 – O contexto local: o caso de uma aldeia da Guarda.

Como a generalidade dos povoados rurais do Interior de Portugal, aqui considerados na zona Centro, Beira Alta, concelho da Guarda, a freguesia dos Trinta é um exemplo de mudanças ao longo dos tempos, provocadas por influências socioeconómicas, composição habitacional e demográfica. Em 1900 atingiu o seu máximo de habitantes (1297) com estabilidade até ao início da década de 50, período a partir do qual se começa a registar uma vaga emigratória, «à medida que a economia da Europa se refazia do cataclismo da Guerra e necessitava da mão-de-obra para se reconstruir», como recorda António J.F. Soares (2016, p. 20). O autor, natural dos Trinta, retrata na sua monografia essa realidade marcada por «uma quebra notória no ritmo de crescimento populacional, podendo mesmo falar-se em decréscimo, fruto da segunda vaga migratória que levou dezenas de famílias a abandonar a freguesia» (p.25). E, no entanto, a localidade teve ao longo do séc. XX, com origens em tempos

¹⁴ Cfr. <http://observatorioemigracao.pt/np4/8282.html>

remotos, uma particular característica distintiva do resto do concelho, que foi o seu tecido industrial têxtil, responsável por uma empregabilidade ímpar no contexto rural.

O ofício de artesão têxtil já vem de antigas gerações naquela aldeia, conforme longa contextualização histórica de António Soares (págs.122-215), e conheceu um importante desenvolvimento promotor da transição laboral da agricultura para a produção em pequenas manufaturas familiares, numa primeira fase até 1950, para grandes manufaturas artesanais e, por fim, em avançadas unidades fabris, das quais hoje só uma se mantém (Têxteis Evaristo Sampaio). Há registo da primeira fábrica ali criada, e única no concelho da Guarda, em 1850, já com uso avançado de maquinaria a vapor, originária da Inglaterra, mais eficaz e menos exigente do que a tradicional força hídrica.

Essa evolução industrial, a que não é alheia a sua localização próxima do rio Mondego onde surgiram os primeiros engenhos¹⁵, conduziu a uma progressiva especialização e novas profissões na arte de produção de mantas tradicionais, conhecidas como “cobertores de papa” pela forma como, ainda no processo de produção mais artesanal, as lãs eram lavadas e batidas, ficando como uma “papa” a partir da qual se fiava, posteriormente, o fio para os teares. A dinâmica industrial é muito significativa, como se pode constatar pelo trabalho deste autor, tendo até ali sido criada uma Associação Industrial e Comercial, na década de 1930, o que denota a pujança local face ao crescimento e oportunidade de negócio. O desenvolvimento populacional durante o séc. XIX tem muito a ver com este incremento industrial, pois onde há oferta de trabalho há mais pessoas para o desempenhar. É de realçar, nos dados trabalhados por António Soares (p.178), que em 1937/8 a freguesia de Trinta tinha 32 industriais, a maior concentração de empresários de todas as 19 localidades da região serrana onde havia atividade têxtil.

Após o advento da eletricidade - de que também esta aldeia é pioneira com a construção da Central do Pateiro, tendo sido a primeira a tê-la, antes da própria sede de concelho, a partir de janeiro de 1912 - tudo apontaria para uma rápida transformação. Mas, ao contrário, foi preciso esperar 35 anos para que mudassem das margens do rio, com difíceis acessos, para dentro da localidade. Do fabrico artesanal de cobertores evoluiu-se para as mantas de pelo curto, mais industriais e leves. O mercado teve altos e baixos até à quase perda total face às sucessivas crises do setor têxtil, que foi deixando marcas no abandono local e na conseqüente perda de população. Há, portanto, um incremento relacional entre as oportunidades laborais e

¹⁵ «Situados junto dos cursos de água [neste caso no Mondego], os engenhos eram edificações [ali provavelmente instalados no séc. XVIII] em pedra que utilizavam a força motriz da água tendo por modelo a roda utilizada nos moinhos e pisões, mas de dimensões aumentadas», (Soares, 2016, p.129).

a fixação de pessoas. E se a aldeia teve tempos áureos de franco desenvolvimento e prosperidade, com oportunidades de trabalho, após a I Guerra Mundial e o contexto nacional instável, a crise instala-se com fábricas a encerrar, com mercadoria por escoar, diminuição do poder de compra e fracas perspectivas de futuro.

É neste contexto que se compreende melhor o fenómeno da emigração, porquanto representa uma consequência da perda de segurança no presente, a cada momento, e esperança num futuro, na legítima ambição de cada ser humano aspirar a alcançar, para si e para os seus, melhores condições de vida. As décadas de 40 e 50, do séc. XX, período de reconstrução pós Segunda Guerra Mundial, constituem uma oportunidade e um chamamento à mão-de-obra disponível e interessada em obter salários muito acima dos então praticados no setor têxtil ou nas minas do minério que contribuiu também para manter a economia local estável.

O caso concreto que nos motiva para este projeto ilustra a caracterização da emigração para o continente europeu, com particular destaque para a França como principal destino. Numa primeira fase, até meados da década de sessenta, a emigração foi essencialmente masculina. Os homens iam primeiro, através de contactos em rede informal de conterrâneos ou familiares, como os timoneiros da “descoberta”, criando as primeiras bases para a segunda fase, já mais feminina, com a partida das mulheres no duro caminho do reagrupamento familiar, como enquadra Albertino Gonçalves (2014, p.7).

Foi exatamente assim que ocorreu com a família Rodrigues, primeiro foi o marido na aventura do “salto”, cuja experiência fica marcada nas entranhas da alma, pelo risco, pela capacidade de se resistir, física e psicologicamente, a uma viagem a pé de milhares de quilómetros por veredas e destino desconhecidos. Manuel Rodrigues partiu em 1960, quatro anos depois nasceu o primeiro filho, uma menina, momento a que não assistiu, e em 1966 nasce um rapaz. Três anos depois, em 69, numa decisão unipessoal, Purificação do Carmo Galinho aventura-se com destino a França, levando consigo os dois filhos, um pela mão, de cinco anos, e outro ao colo, de três anos, para se reencontrar com o marido e, assim, reagrupar a família.

Numa terceira fase, a partir dos anos setenta, está o crescimento dos filhos, decisivo na exposição à sociedade de acolhimento, ao nível da língua, da escola, das amizades, do lazer e da comunicação.

«São tempos de viragem e de incerteza. O emigrante dos anos sessenta partiu com um projeto quase obsessivo de regresso. Insinuam-se e acentuam-se, agora, as dúvidas. Muitas famílias, apreensivas, antecipam o regresso. Mas a maioria permanece

no estrangeiro, sem descurar, contudo, os laços com a cultura portuguesa. Nenhum surto emigratório teve tanto impacto no país como o dos anos sessenta. (idem, p.7)

Com várias leituras possíveis, e que aqui não é o espaço para explorar, destacamos dois aspetos importantes, um deles central para o guião do nosso documentário final. Se por um lado, esta emigração dos anos 60 foi muito marcante para o impulso do próprio desenvolvimento urbanístico da freguesia dos Trinta, uma vez que todos almejavam construir a sua habitação própria na terra natal, por outro também foi a principal janela de transformação e abertura ao mundo com impactos na visão mais cosmopolita de quem, saindo de um lugar de vistas curtas, pouco ou nada sabia além do contexto da aldeia. Como refere Gonçalves (2014, p.9), há este aspeto pouco apontado, mas notável, que é a abertura ao mundo proporcionada pela emigração. «O cosmopolitismo das gentes dos recantos mais recônditos do País é espantoso. É extraordinário constatar como tanta experiência do mundo cabe em lugares aparentemente tão isolados» (2014, p.9).

É este o ponto que mais nos interessa para o nosso trabalho, a partir do caso de Purificação que foi, pela nossa experiência direta, uma mulher assumidamente à frente na forma como, além do domínio da língua francesa, soube tirar partido da longa experiência de 33 anos a viver e trabalhar naquele país. As influências culturais revelam-se muito para além dos aspetos externos na forma de se vestir, também reveladores das mudanças entre um meio tradicionalmente cinzento e conservador e as cores e estilos mais alegres de um país onde a emancipação feminina se afirmava sem os tabus do localismo fechado das aldeias de origem. Essas influências estão, sobretudo, em algo menos tangível, quase impercetível, na forma como as vivências da emigração conduziram a mudanças de atitude, valores e comportamentos que, em certa medida, terão ajudado a alcançar níveis de satisfação pela vida.

Como mulher que privou com ela, sentimos na primeira pessoa essa extraordinária presença e influência na abertura da mente às coisas novas, à curiosidade, ao incentivo perante as adversidades, sempre com uma energia reveladora de quem se obrigou a resistir, física e emocionalmente, com um sorriso pronto e esperançoso. Esta face da emigração, aqui mais focado no lado feminino, constitui, em nosso entender, uma perspetiva importante na compreensão do papel central das mulheres, não apenas durante a vida normal da experiência familiar e profissional da idade ativa, cá e lá, mas sobretudo o que a emigração provocou, no bom sentido, na redefinição familiar e social no seu contexto de origem. A mulher submissa e limitada do cantinho Natal, deu lugar a uma expressão de uma “nova” mulher influenciada pelos “ares” de liberdades e emancipação que se respiravam em França, desde o grito dos direitos humanos até às sucessivas conquistas cívicas e políticas pela igualdade de género, e não só.

É, pois, este o nosso campo de atenção, o foco de onde se inspiram os nossos sentidos para que, sem qualquer intenção de reconstituição ou descrição histórica sobre a emigração, nós possamos reencontrar, nós e ela, esteja onde estiver, nessa concretização de um sonho que um dia nos transmitiu num radiante dia de primavera, debaixo da frondosa cameleira vermelha do jardim de todos os verões. Sonhara ser atriz, um segredo só seu, talvez porque se achava bem-parecida – muito bonita, assumimos nós - e amava assistir aos filmes da época em França, que foram uma espécie de escola paralela na aprendizagem da língua. Sabia os nomes dos atores e apreciava as narrativas como um prolongamento desejado dos sentidos da vida, entre géneros mais dramáticos ou mais comediantes. Toda ela era alegria de viver, como que a concretização daquilo que deve guiar ao alcance das coisas mais simples e, ao mesmo tempo, mais difíceis de alcançar.

2.2.2 – Narrativas audiovisuais sobre a emigração

Um dos exercícios de pesquisa/ponto de partida para o processo de conhecimento mais abrangente do tema foi a identificação de uma lista filmes que, de forma direta, se relacionam com a emigração, entre os quais destacamos os seguintes:

- José Vieira, 2012: O pão que o diabo amassou (Le pain que le diable a pétri), documentário, 80’.
- José Vieira, 2013: Crónica do renascimento de uma aldeia (Chronique de la renaissance d’un village), documentário, 83’
- Ruben Alves: 2013: A Gaiola Dourada (La Cage Dorée), filme franco-português, 90’.
- José Vieira, 2005: Les gens du Salto, DVD com o filme La photo déchirée, com 6 filmes de 13 a 40 min, testemunhos e arquivos.
- Robert Bozzi, 1983: Les Gens de Baraques, documentário, 1:27,42’.
- Christian de Chalong, 1967: “O salto”, longa-metragem, 1:28’.

Christian de Chalong, 1967: “O salto”, longa-metragem, 1:28’

Capítulo III - Desenvolvimento do Projeto

3.1- Estudo de casos da filmologia

Neste ponto pretendemos fazer uma análise a vários documentários/curtas que servem de exemplo para a realização deste projeto. Ou seja, que tenham um caráter similar ao objeto do nosso trabalho. Os estudos de caso são um processo metodológico inerente à criação, aqui aplicado ao contexto audiovisual, que nos permite identificar, observar e tirar ilações de apoio à definição da especificidade concetual do nosso projeto e das opções estéticas do objeto final a apresentar.

Para os três primeiros exemplos, entrámos em contacto com a Professora Sónia Sá, docente na Universidade da Beira Interior, que nos disponibilizou alguns trabalhos realizados por alunos, próximos da ideia geral de partir de um mote local, seja estórias de pessoas ou patrimónios locais da região beirão. Decidimos analisar trabalhos académicos porque acreditamos que têm um bom potencial e que, de certa forma, partilham grande conhecimento que nos permitirá alargar a nossa conceção a boas ideias de aplicação prática.

O primeiro caso é um projeto que foi realizado por Vanessa Duarte, *Da meia-noite pro dia*, que contou com a cooperação de outras pessoas, no âmbito do *Inside Out Project Covilhã*,¹⁶ e foi selecionado para o *DOCLISBOA, International film festival*,¹⁷ em 2014. Este documentário, com duração de 23 minutos e 13 segundos, tem como objetivo contar algumas estórias de pessoas, que na sua idade de criança já trabalhavam no setor têxtil da Covilhã.

A forma como a narrativa se desenvolve é muito interessante, porque são imagens simples, mas que cativam a atenção pela coerência narrativa adotada. Este produto audiovisual começa com imagens da cidade onde se situa a fábrica, o que faz com que o público tenha uma perceção do enquadramento territorial. Por consequente, é acompanhada pelo som natural da “paisagem”.

¹⁶ O Projeto *Inside Out* é uma plataforma que ajuda comunidades de todo o mundo a defenderem o que acreditam e a desencadear mudanças globais, agindo localmente. Os líderes de grupo criam as suas ações exibindo retratos em preto e branco em grande escala de membros de suas comunidades em espaços públicos. Juntos, criam uma obra de arte pública! Cfr.: https://www.insideoutproject.net/pt_BR/

¹⁷ Um festival com 20 anos de atividade, em Lisboa, que procura conceber a realidade através de novas formas cinematográficas de perceção, reflexão e ação, colocando o cinema em diálogo com a sua história, de modo a questionar o seu momento atual. Cfr.: <https://doclisboa.org/2022/sobre/>

Em seguida, surge um som que é muito característico das fábricas, o som da sirene. Este servia para marcar o início e o fim da carga horário do trabalho e as respetivas entrada e saída. A acompanhar, são mostradas imagens do exterior da fábrica e em seguida do interior. As imagens são de pura simplicidade, mas ao mesmo tempo têm um grande impacto. Isto porque fazemos uma visita guiada ao local com muita história, com um chão que foi pisado por muitas pessoas anónimas, crianças, que se “mataram” de trabalho para poder ter alguma fonte de rendimento e viver melhor. E o documentário revela o abandono de muitas dessas vivências. Os tempos mudaram e as fábricas fecharam. O que ficou? Que memórias podem ainda as vozes revelar? É precisamente isso que se revela através da voz de quem ali trabalhou, com imagens a complementar. Isto observa-se quase do início ao fim deste produto audiovisual. O que achámos que deu um carácter único a este documentário foi a paisagem sonora. Ela foi pensada com muita criatividade e não apenas para “encher”, mas com um sentido profundo da mensagem principal que se quer transmitir. Simplicidade quase poética, mas com muito significado. Destaque para Paulo Lima, responsável pelo design do som, a partir do minuto 7:50, que construiu uma paisagem sonora com base nos sons que as máquinas produziam, o que marca o projeto em originalidade e lhe dá muita força.

Concluimos que este produto audiovisual está bem conseguido, porque nos dá uma boa perceção de como era a “vida” das crianças dentro das fábricas e, à sua maneira, contribui para a perceção atual sobre a rica história do sector têxtil da cidade da Covilhã, sob a perspetiva de quem esteve uma vida de trabalho a ele dedicado.

Flor de lótus é o nosso segundo estudo de caso, foi produzido por Marisa Alves Pedro, Maria Clara Norbachs e Ana Paula Junqueira. Este projeto consiste numa narrativa de 3 minutos e 44 segundos, à volta do poema *Recordam-se vocês do bom tempo d’outrora*, de Abílio de Guerra Junqueiro.

Recordam-se Vocês do Bom Tempo d’Outrora
(Dedicatória de introdução a «A Musa em Férias»)

*Recordam-se vocês do bom tempo d’outrora,
Dum tempo que passou e que não volta mais,
Quando íamos a rir pela existência fora
Alegres como em Junho os bandos dos pardais?
C’roava-nos a frente um diadema d’aurora,
E o nosso coração vestido de esplendor*

Era um divino Abril radiante, onde as abelhas
 Vinham sugar o mel na balsâmina em flor.
 Que doiradas canções nossas bocas vermelhas
 Não lançaram então perdidas pelo ar!...
 Mil quimeras de glória e mil sonhos dispersos,
 Canções feitas sem versos,
 E que nós nunca mais havemos de cantar!
 Nunca mais! nunca mais! Os sonhos e as esp'ranças
 São áureos colibris das regiões da alvorada,
 Que buscam para ninho os peitos das crianças.
 E quando a neve cai já sobre a nossa estrada,
 E quando o Inverno chega à nossa alma, então
 Os pobres colibris, coitados, sentem frio,
 E deixam-nos a nós o coração vazio,
 Para fazer o ninho em outro coração.
 Meus amigos, a vida é um Sol que chega ao cúmulo
 Quando cantam em nós essas canções celestes;
 A sua aurora é o berço, e o seu ocaso é o túmulo
 Ergue-se entre os rosais e expira entre os ciprestes.
 Por isso, quando o Sol da vida já declina,
 Mostrando-nos ao longe as sombras do poente,
 É-nos doce parar na encosta da colina
 E volver para trás o nosso olhar plangente,
 Para trás, para trás, para os tempos remotos
 Tão cheios de canções, tão cheios de embriaguez,
 Porque, ai! a juventude é como a flor do lótus,
 Que em cem anos floresce apenas uma vez.

 E como o noivo triste a quem morreu a amante,
 E que ao sepulcro vai com suas mãos piedosas
 Sobre um amor eterno — o amor dum só instante —
 Deixar uma saudade e uma c'roa de rosas;
 Assim, amigos meus, eu vou sobre um tesouro,
 Sobre o estreito caixão, pequenino, infantil,
 Da nossa mocidade, — a cotovia d'ouro
 Que nasceu e morreu numa manhã d'Abril! —
 Desprender, desfolhar estas canções sem nexo,
 Estas pobres canções, tão simples, tão banais,
 Mas onde existe ainda um pálido reflexo
 Do tempo que passou, e que não volta mais.¹⁸

Ao lermos/ouvirmos este poema, podemos deduzir que a narrativa gira à volta da memória, da vida e da velhice. Para ter um grande impacto, o projeto contou com a participação

¹⁸ Poema de Abílio de Guerra Junqueiro, *Recordam-se Vocês Do Bom Tempo d'Outrora*. Cfr: <https://www.poetris.com/frase/a6rohbjq097n5d2i0bgvrd15t> (acesso 10/04/23)

de idosos do lar de São José da Covilhã e a Sra. Maria Filipina dos Santos foi a locutora da narrativa. É uma escolha interessante, porém a voz da locutora, pela idade avançada, nem sempre é perceptível, perdendo-se durante a narrativa. Contudo, esta voz acentua ainda mais a mensagem do poema.

Os realizadores deste projeto decidiram ilustrar o poema com imagens simples, mas ao mesmo tempo fortes. Como tal, optaram por fazer capturas de pormenor das mãos e partes do rosto. Quando olhamos para estas imagens, de certa forma conseguimos sensibilizar-nos, pois vemos cada detalhe que está presente na forma das mãos, dos dedos, nos olhos e na pele enrugada, que parece um sinuoso “caminho” que estas pessoas percorreram nas suas vidas.

Como paisagem sonora, optaram por utilizar uma música de Marcel Pequel – “four” – que cria uma suave base de piano sem interferir com o texto narrado. Concluímos que este projeto, no geral, foi bem conseguido, no ponto de vista de que consegue ilustrar, de forma simples e direta, a mensagem principal que o poema pretende transmitir.

Como terceiro caso, decidimos analisar algo mais comercial, com mais popularidade. O documentário da Frida Khalo, *Frida – Viva la Vida, da autoria de Giovanni Troilo*, retrata a vida e obra da icônica artista mexicana Frida Kahlo. Apresenta imagens de arquivo, pinturas, fotografias e cartas pessoais de Frida, com entrevistas com especialistas, amigos e familiares, para criar uma visão ampla e detalhada da vida e legado da artista.

Uma das principais qualidades do filme é a maneira como é abordada a vida de Frida, de forma completa e humana. O documentário, não apenas explora a sua obra de arte, mas também a sua vida pessoal, a sua luta, a dor, as dificuldades e a sua forte personalidade. O filme revela aspetos íntimos da sua vida, incluindo as relações amorosas, a luta contra a doença e a dor física, que serviu de inspiração a muitas das suas pinturas.

Além disso, o documentário também explora a importância histórica e cultural da obra de Frida Kahlo, especialmente em relação à cultura mexicana e às questões feministas. O filme destaca a maneira como a sua obra desafiou as normas de género e sexualidade, e como ela se tornou um ícone da luta pelos direitos das mulheres.

A produção também apresenta uma edição cuidadosa, com uma trilha sonora evocativa que ajuda a criar uma atmosfera emocional e envolvente para o espetador. No entanto, em alguns momentos, o ritmo do filme pode-se arrastar um pouco, especialmente em algumas partes mais detalhadas sobre a história e contexto cultural da época.

No geral, *Frida - Viva la Vida* é um documentário interessante e informativo sobre a vida e obra de uma das artistas mais importantes e influentes do século XX. O filme oferece uma

visão completa e detalhada da sua vida e importância como uma artista, como mulher e ícone cultural.

Les Gens de Baraques é um documentário francês dirigido por Robert Bozzi em 1983. O filme é uma reflexão sobre a vida dos habitantes de um acampamento de barracas de lona na periferia de Marselha, que sobrevivem em condições precárias e enfrentam a discriminação e a exclusão social.

Uma das principais qualidades do filme é a maneira como ele retrata com sensibilidade a vida e as lutas desses indivíduos marginalizados. Bozzi utiliza um estilo de documentário observativo onde as imagens falam por si mesmas, sem muita intervenção do diretor ou comentários em off. O filme mostra a rotina diária dos moradores, incluindo os seus esforços para manter o acampamento em condições habitáveis, as atividades de lazer, as relações interpessoais e a luta pela sobrevivência.

O documentário também destaca a força e resiliência desses indivíduos, que, mesmo em condições adversas, mantêm a esperança e a solidariedade. Bozzi utiliza entrevistas com os moradores, que partilham as suas histórias pessoais e reflexões sobre a vida no acampamento. Essas entrevistas são um elemento importante para dar voz aos moradores e mostrar a complexidade das suas vidas.

No entanto, o filme também é uma crítica contundente à exclusão social e à pobreza na França, nessa época. Bozzi mostra como os habitantes do acampamento são vítimas de uma sociedade que os marginaliza e os trata com desprezo e indiferença. O filme é um testemunho do fracasso do sistema social e político em garantir os direitos básicos de todos os cidadãos.

No geral, *Les Gens de Baraques* é um documentário impactante e emocionante que retrata de forma humanizada a vida de indivíduos que vivem à margem da sociedade. O filme oferece uma reflexão profunda sobre questões sociais e políticas que afetam esses indivíduos, e a necessidade de se encontrarem soluções mais justas e humanas para lidar com a exclusão social e a pobreza.

Este filme serviu de inspiração para a criação de uma música com o mesmo nome. *Les Gens de Baraques*, é um tema musical do grupo franco-tunisiano *La Harissa* em colaboração com a cantora portuguesa Linda de Suza, que retrata, precisamente, a vida dos habitantes - muitos deles portugueses - do acampamento de barracas na periferia de Marselha. A música tem uma batida animada e dançante, com uma mistura de ritmos árabes e franceses. A letra fala sobre a vida difícil e as lutas diárias dos moradores do acampamento, que enfrentam a

pobreza, a exclusão social e a discriminação. A música destaca a força e a resiliência desses indivíduos, que, apesar das adversidades, encontram alegria e esperança nas suas vidas.

A colaboração entre La Harissa e Linda de Suza é interessante, pois traz uma mistura de culturas e línguas. A música começa com uma introdução em árabe, seguida pelo refrão francês e a participação de Linda de Suza a cantar em português. Essa mistura de idiomas e culturas reflete a diversidade e a complexidade da vida no acampamento de barracas.

Em suma, é uma música vibrante e envolvente e um testemunho da importância de se reconhecer e valorizar a diversidade cultural e das lutas necessárias para se construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

3.2 - Caso de Estudo

Dentro dos projetos académicos, concluímos que *Trama*, produzido por Luísa Soares, Pedro Sousa Raposo, Rodrigo Raposo e Predo Gancho, vai ser o nosso caso de estudo. Trata-se de um produto audiovisual que, a nível de estrutura de narrativa e os elementos que apresenta, tem muitas semelhanças com aquilo que o nosso projeto pretende apresentar.

Esta narrativa baseia-se em histórias verídicas de mulheres, que, de criança, trabalharam em fábricas de lanifícios da Serra da Estrela, mais concretamente na zona da Covilhã, o que o nome da mesma já remete para o assunto que ira ser abordado.

De certa forma, neste projeto está presente a emancipação de mulheres, pois dá a oportunidade de estas poderem contar algo que foi, e continua a ser, muito revelante no património cultural coletivo para a compreensão do papel feminino na indústria têxtil da região. Este produto audiovisual começa por apresentar documentos e fotografias antigas, de pessoas desconhecidas, fazendo-se acompanhar de um texto próprio, que fala das imagens, de fotografias.

Em seguida, começam a surgir imagens de uma fábrica abandonada. São mostradas partes da mesma, e alguns despojos. Também são apresentados documentos de arquivo, de pessoas que trabalharam nessa fábrica. Podemos dizer que a narrativa se baseia nestes documentos que foram encontrados, como é referido na mesma:

«[...] tantas histórias guardadas em gavetas. Tantos rostos, profissões, aniversários, de onde veem, e quem são. E são muitos, e muitas. E este filme nasce de uma vontade. Uma vontade de visitar o outro, de sentir um pouco dos seus mundos, achar o

som no silêncio e a cor e a textura nos musgos e bolores. Essa mesma vontade, que me levou aos despojos industriais, das fábricas de lanifícios da Serra da Estrela. Espaços quase sempre feios, desordenados, escuros, húmidos e silenciosos. Um silêncio que já foi um ruído mecanizado, ritmado, cardíaco, ensurdecedor. Um ruído que albergou muitas vidas e muitas vozes. E eu escolho ouvi-las a elas, as trabalhadoras, ao lado feminino das máquinas. E com elas, percorro uma história que pertence a todos».

Podemos afirmar que esta pequena narrativa serve de introdução para o tema principal. Em seguida, surgem imagens de trabalhadoras da fábrica, continuando com um texto base:

«[...] Olho a primeira imagem, aquela que fica. Quando a fábrica ainda trabalhava, pouco e com poucos. A mulher que come sozinha na pausa do almoço. Quando já sobra muito espaço para pouca gente. Quando se sentem já os estruturas de um fim de ciclo. A sensação que tenho, que são elas que seguram as últimas pontas antes do fim. As últimas a fechar a porta, apagar a luz e a desligar as máquinas. A sensação de que se espalharam ao longo deste organismo vivo que era a fábrica, como se fossem as ramificações do mesmo sérum produtivo. Por muito tempo, por muitos dias, fio a fio».

Após esta parte introdutória, são apresentadas sequências de imagens e som, de várias máquinas, da indústria têxtil, a trabalhar, todas elas em planos de pormenor. Ao mesmo tempo, ouvimos algumas frases das trabalhadoras. Algo que achámos interessante na narrativa, foi o facto de, para representar o passado destas trabalhadoras, utilizaram a imagem a preto e branco, e, convidaram seis adolescentes para as representar quando mais novas. Estas mulheres contam que começaram a trabalhar na fábrica desde muito novas, entre os 7 e 14 anos, e que muitas tinham de ter auxílio para aceder às máquinas:

«[...] E ela começou a trabalhar, como lhe digo, com alguns 7, 8 anos. Eu sei que a minha mãe toda a vida disse que lhe tinham que por um banco para ela chegar à máquina».

Estas mulheres relatam muitas estórias que se passavam na fábrica, sendo por exemplo multadas, antes do 25 de abril, porque como eram novas e só queriam brincar, mas que os patrões não queriam, e como forma de punição, descontavam no dinheiro que ganhavam na

altura. Estamos a falar em 25 tostões, meio-dia de trabalho. Muitas vezes tinham de se esconder, porque havia vistoria dos fiscais, e não podiam ser apanhadas.

Após esta parte, são apresentadas imagens que são planos visto de cima, de água com corante de várias cores, o que permite visualizar o seu movimento. Esta passagem contém também um texto de fundo.

Para a parte final, foram feitas sobreposições de imagens, entre as agulhas das máquinas e várias fotografias antigas de pessoas. A paisagem sonora é original de Rodrigo Raposo, o que tem dá ainda mais valor a este produto audiovisual.

Ao fazermos uma análise mais aprofundada a este filme, percebemos que esta narrativa vai muito de encontro no que diz respeito ao estilo da estrutura que pretendemos fazer para o nosso projeto final. Como referimos inicialmente, esta narrativa dá a oportunidade de algumas mulheres contarem as suas histórias de vida. Achámos também que a forma como estas histórias foram contadas, tem um carácter mais conceitual que o habitual. É uma narrativa poética que capta a atenção do público, ou seja, não é exaustiva.

3.3- Pré-produção

Nesta etapa, definimos o caminho a seguir para o processo de trabalho consubstanciado no “desenho” da metodologia, que se segue.

3.3.1-Metodologia

À partida, em qualquer trabalho/projeto de pesquisa, com carácter científico, é aconselhável ter uma metodologia de trabalho, para que haja uma boa organização de todas etapas do processo desde um ponto de partida a um ponto de chegada. Como tal, concebeu-se uma metodologia para este projeto, que se encontra representada em baixo (figura 2):

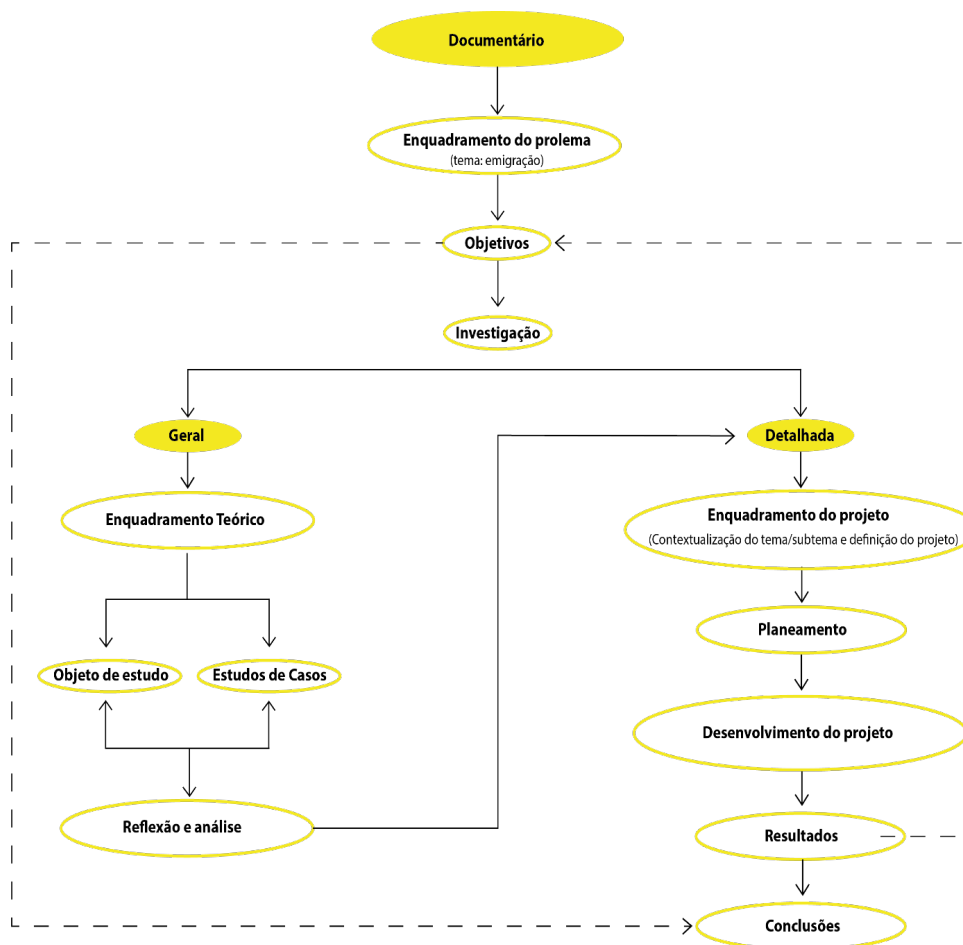


Figura 2- Esquema sobre metodologia adotada

Fonte: Elaboração própria

Seguindo a aplicação das etapas descritas na nossa metodologia, começámos por identificar, como ponto de partida, o problema do objeto de estudo do documentário, a emigração. Assim, definimos os nossos objetivos, tanto geral como específicos. O projeto tem vindo a desenvolver-se já há algum tempo. Após a entrevista ter sido realizada no ano de 2019, desenvolveram-se pesquisas prévias sobre o tema. Como tal, registaram-se conversas exploratórias com pessoas emigrantes, familiares diretos da protagonista, para saber se estavam dispostos a partilhar algumas das suas vivências. Outra parte do projeto foi a recolha de imagens antigas de cassetes, onde aparece a protagonista deste documentário. Além do acesso a documentos antigos de quando a mesma foi para a França, não só dela, mas também dos filhos, fotos da fábrica onde tralhava e uma bata, peça da indumentária de uma vida ativa.

Com a identificação do problema principal, ou seja, a abordagem do tema da emigração como um assunto sociocultural e a emancipação das mulheres no mesmo, passámos por um

processo de pesquisa bibliográfica de suporte principal, designado como enquadramento teórico. Dentro desta etapa, fizemos uma pesquisa suficiente, para a natureza do trabalho, sobre os temas abordados no projeto, no sentido de uma melhor compreensão. Como tal, fomos à procura de estudos de caso e um objeto de estudo, para no final deste processo conseguirmos fazer uma análise e reflexão consistentes.

Em seguimento desta reflexão e análise, com todas as informações obtidas, procedemos ao enquadramento do projeto, que consiste na contextualização do tema e definição do mesmo. Para podermos realizar o projeto, fizemos um planeamento que fosse adequado à nossa disponibilidade. Nesta fase são definidos os conteúdos que serão apresentados, desde as imagens de cassetes até às imagens de arquivos, os tipos de planos e ângulos, as pessoas que serão entrevistadas, que tipo de paisagem sonora, planeamento de viagens, etc.

Com o planeamento delineado, passámos para o processo de produção. Ao fim de todas estas etapas e após termos um produto final, todo o projeto será apresentado aos júris e ao público. Com isto iremos perceber se conseguimos alcançar os objetivos pretendidos, e, de certa forma, se o produto final está coerente com os pressupostos levantados pela problemática concreta e se, na perceção das mensagens chave que se pretendem passar, há ou não um alcance significativo e, com isso, cumprirem-se os objetivos específicos.

3.3.2-Cronograma de trabalho

Neste ponto, iremos apresentar o nosso cronograma de trabalho. Este, inicialmente tinha outros objetivos.

NOTA: O gráfico apresentado a baixo foi desenvolvido na disciplina de Gestão de Projeto de Design de Comunicação e Audiovisual.


		Nome	Duração	Ínicio	Fim
1		<input type="checkbox"/> Pesquisa	60dias	01/16/2023	04/07/2023
2		Bibliografia	60dias	01/16/2023	04/07/2023
3		Recolha de imagens antigas	7dias	01/30/2023	02/07/2023
4		Recolha de documentos	7dias	02/06/2023	02/14/2023
5		Recolha de testemunhos	10dias	03/20/2023	03/31/2023
6		Locais de filmagem	15dias	03/13/2023	03/31/2023
7		<input type="checkbox"/> Planeamento	4dias	03/13/2023	03/16/2023
8		Organização de Equipamento	4dias	03/13/2023	03/16/2023
9		Filmagens	3meses	03/28/2023	06/19/2023
10		Montagem	22dias	05/02/2023	05/31/2023
11		Som	4dias	06/02/2023	06/07/2023
12		Edição	27dias	05/23/2023	06/28/2023
13		Relatório	54dias	04/12/2023	06/26/2023
14		Defesa	1dia	07/04/2023	07/04/2023

Tabela 1 Planeamento de trabalho

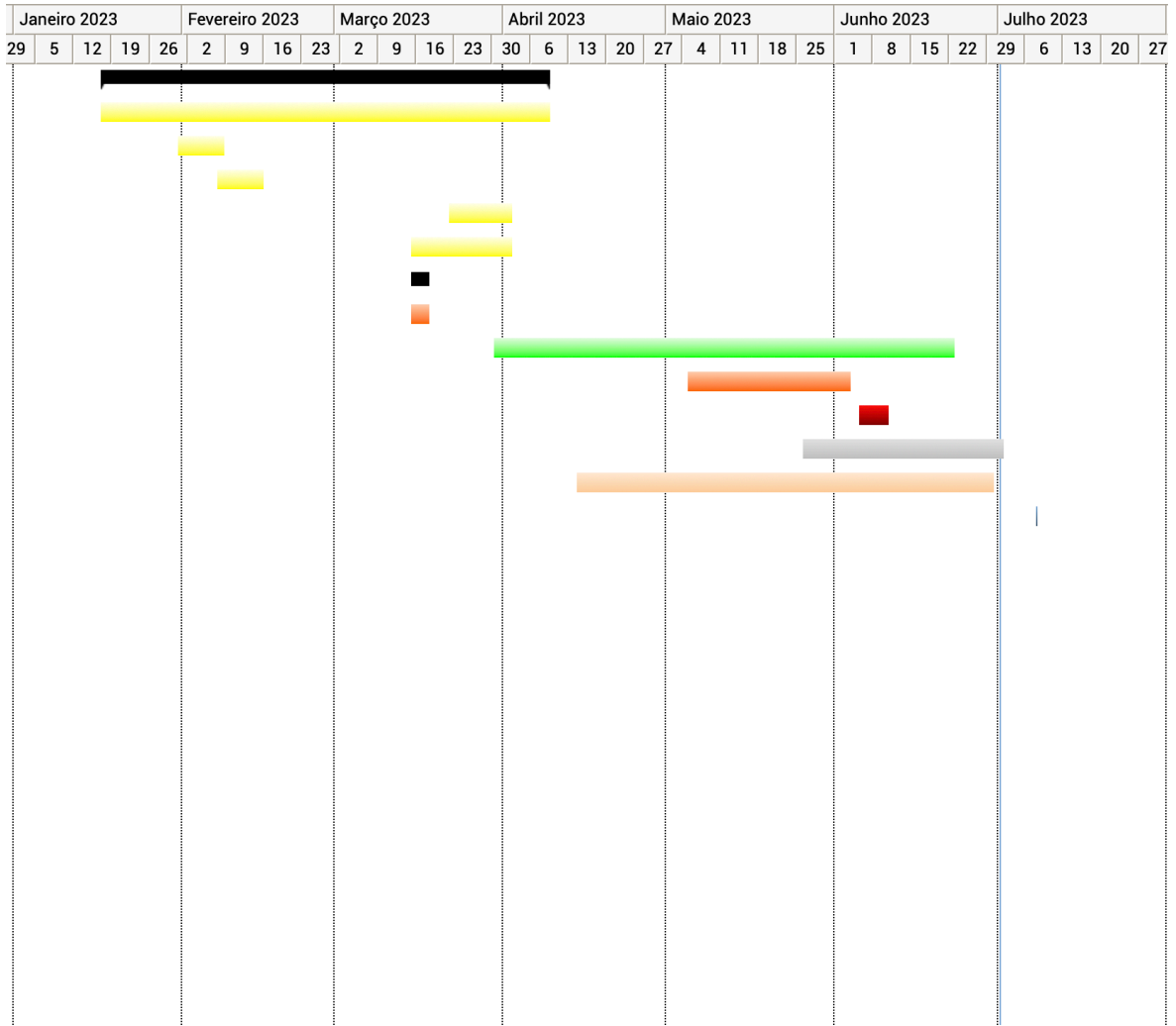


Tabela 2 Gráfico de Gantt

3.3.3- Orçamento

Nesta parte é apresentado o orçamento total do projeto. Alguns custos podem não bater certo em relação ao material, pois já foram adquiridos anteriormente.

ORÇAMENTO - Lara Amaral					
	VALOR	A CADA X MESES	DURANTE X DIAS	HORAS	TOTAL
CUSTOS FIXOS					
Residência	100,00	1	22	8	0,57
Alimentação	120,00	1	22	8	0,68
Água	7,50	1	22	8	0,04
Energia	7,30	1	22	8	0,04
Gás Canalizado	6,80	1	22	8	0,04
Higiene	100,00	6	22	8	0,09
Plano de Saúde	70,00	12	22	8	0,03
Pacote Internet + Telefone	25,00	1	22	8	0,14
--					
Propinas + Matrículas (3 anos de licenciatura)	2166,00	60	22	8	0,21
--					
Adobe Creative Cloud	239,88	12	22	8	0,11
Microsoft Office Premium	223,20	12	22	8	0,11
TOTAL CUSTOS FIXOS					2,07
EQUIPAMENTO					
>HARDWARE					
MacBook Pro de 13" - Laptop	1630,00	12	22	8	0,77
Adaptador usb-c	20,00	1	22	8	0,11
Headphones Marshall	100,00	1	22	8	0,57
Samsung Portable SSD T5	94,35	1	22	8	0,54
Dell Pocket 2	350,00	1	22	8	1,99
Rato Z3700	15,00	1	22	8	0,09
Câmara de Filmar PANASONIC AG-UX90	1600,00	1	22	8	9,09
RODE VideoMic Pro	220,00	1	22	8	1,25
Kit Microfones Lapela SARAMONIC SR-WMMC	75,64	1	22	8	0,43
Tripé NEEWER 10096566	175,00	1	22	8	0,99
FEELWORLD FW759 MONITOR HD 7" HDMI 4K	149,00	1	22	8	0,85
Cartão de Memória SD KINGSTON Canvas Go Plus (512 GB - 170 MB/s)	98,00	1	22	8	0,56
MI 11 Lite 5G	392,68	1	22	8	2,23
TOTAL EQUIPAMENTO - OBSOLÊNCIA					19,46
CUSTOS PESSOAIS					
Carro	15000,00	84	22	8	1,01
Casa	150000,00	240	22	8	3,55
Vestuário	40,00	1	22	8	0,23
Lazer	80,00	1	22	8	0,45
Carta de condução	600,00	1	22	8	3,41
Óculos	364,50	1	22	8	2,07
Deslocações	35,00	8	22	8	0,02
TOTAL CUSTOS PESSOAIS					10,75
TOTAL GERAL					
					32,28
Mais margem de segurança de 10%.					35,5108735
Arredondando					36,00 €
CUSTOS ADICIONAIS					
Testes de Impressão	10,00	1	1	1	10,00
Deslocações	130,00	1	1	1	130,00
TOTAL CUSTOS ADICIONAIS					140,00

Tabela 3 Orçamento

3.4- Produção

Entramos na etapa final e determinante para a concretização, no terreno, do processo de recolha de imagens e sons. Entre a ideia central do nosso projeto - que assumimos na sua íntegra como um tributo a uma mulher especial na nossa vida e, através dela, a todas as mulheres emigrantes - e a sua contextualização exige-se a definição de percursos, de pesquisa, de lugares e personagens. Comparada ao teatro, entendemos a produção cinematográfica - aqui circunscrita a uma microescala sem qualquer estrutura profissional ou equipamento de ponta - como uma construção no “fio da navalha” entre equilíbrio e coerência de se construir uma cenografia visual, com a sua roupagem própria, que não seja meramente ilustrativa, mas que venha a conseguir entrosar-se com a matriz comunicativa do produto audiovisual final.

Fruto do interesse, da nossa parte, pela área da produção audiovisual, como meio de (re)construção de sentidos e questionamentos sobre passados e futuros, este projeto é apenas uma porta que se abre para o desejo de experimentar esse horizonte apaixonante que é o cinema. Com a noção das nossas limitações, a todos os níveis, partimos de um argumento próprio, sem um texto pré-estabelecido e fomos, literalmente, e, intuitivamente encaixando camadas de ideias, à medida que o caminho se percorria.

A nossa visão sobre a tipologia de narrativa a construir, como uma arquitetura de um edifício, foi-nos orientando para determinadas opções e ações de gravação, explicados de seguida. Pretendemos alcançar um objeto narrativo simples (não simplista) e linear. Isto é, com uma linha condutora do princípio ao fim, seguindo um esquema mais ou menos sequencial entre uma introdução ambiental (aqui centrada no rio da aldeia e nos sons naturais do lugar e no jogo de lançar pedras a “dançar” sobre a água), a apresentação das personagens (a voz da protagonista, do marido e das companheiras ex-emigrantes) mas sem uma progressão dramática tradicional ou sequer a explicitação de um conflito e as suas consequências.

Assumimos, desde a primeira hora, que não queríamos fazer uma versão “romantizada” da vida dos ex-emigrantes ou sequer meramente descritiva com recurso a uma narrativa clássica que não levantasse dúvidas do onde, o quem, o quê, o como e o porquê. Não se tratando de um argumento fixo no sentido de uma narrativa intocável, fomos deixando que a “liberdade criativa” de cada contacto, cada novo olhar, cada nova perspectiva fizesse parte do desafio. Preferimos o risco ao conforto de uma certa normalização narrativa. Queríamos uma certa poética, despretensiosa, e alguns toques de metáforas cujo olhar mais atento pretendemos que levante dúvidas. Interrogar os sentidos não óbvios é uma forma de avançar. Por exemplo, começar com a água do rio tem, para nós, a relação metafórica com a inevitável “fonte de vida”, mas também como espaço onde se diluem recordações de verões em família, tocados pela

regeneração da natureza em estado puro. E os silêncios que se respiram, revitalizadores do corpo e do espírito. Foi por aí que deixámos correr o fio condutor, que se funde numa espécie de biografia de pessoas e lugares. Não estão visíveis, somos desafiados a imaginar.

Mas também as pedras, essas gigantes testemunhas de milenares convulsões das profundezas da terra que não falam, mas sobre as quais se guardam lendas, medos e superstições. Pode um barroco determinar que meninas da aldeia são ou não casamenteiras? Pode! se as crenças estiverem tão enraizadas como os musgos. Essas meninas cresceram, fizeram-se mulheres a quem o “barroco das pedradas” deu sinal de todas terem destino em casamentos e constituir família. Mas dos buracos negros das pedras não se anteciparam ecos de que um dia todas haveriam de partir para as viagens mais marcantes das suas vidas. O futuro sempre pareceu um horizonte limitado nas montanhas e nos caminhos da lã. Os Trinta, como vimos no enquadramento local, foi uma terra com pergaminhos na indústria de lanifícios com as mulheres em papéis determinantes. Uma comunidade que se forjou numa identidade muito própria, marcada por períodos áureos, na primeira metade do século 20

É deste cruzamento de mundos que se faz a “matéria-prima” do nosso percurso e que a seguir detalhamos de forma sintética.

3.4.1- Contextos e locais de filmagem

A narrativa está ancorada em quatro tópicos orientadores, não necessariamente apresentados por esta ordem: **o contexto ambiental** da aldeia onde estes ex-emigrantes viveram; **a viagem** que os levou ao destino da esperança; **a experiência de vida** na França; **o regresso** no gozo da reforma e da “casinha” construída com o “fruto” do trabalho. Não se pretende subjugar uma certa liberdade estética e informativa a uma cronologia linear e rigorosa, mas antes deixar que flua na densidade de um tempo que se pretende de atualização episódica, fragmentada, em que o vagar das imagens e o sentido profundo das palavras seja central na percepção final.

Assim, para o primeiro tópico, o **contexto ambiental**, as nossas opções menos óbvias foram para a gravação no rio Mondego, que serpenteia a serra ao lado da freguesia, e onde estas mulheres, em particular a nossa protagonista, chegaram a transportar roupa ao cesto para lavar, mas onde, mais tarde, se experimentou o prazer de tardes soalheiras em convívios familiares. Um local marcante e que indicia uma ligação à ideia, de a vida, tal como a água, só é limitada no seu curso, até que a morte se anuncie, quando lhe colocam obstáculos inultrapassáveis. Mas como “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, lá diz o ditado,

também estas pessoas provaram que, com persistência e determinação, tudo se consegue. E aqui reside uma mensagem importante deste processo. A de que a vida deve ser sonhada, trabalhada e vivida como a força das torrentes de água que esventram as montanhas das terras altas.



Figura 3 -Durante gravações a captar a beleza orquestral da água no rio Mondego

Ainda no contexto geográfico-ambiental, as pedras gigantes e as suas formas esculpidas pelo tempo, lugares de espanto e guardiães de ancestrais segredos. Os lugares inóspitos que já foram mais humanizados e onde agora a vegetação autóctone pinta de verde a paisagem de perder de vista. Em particular, fomos conhecer (e sentir) o chamado “barroco das pedradas”, sobre o qual as raparigas da aldeia lançavam pedras pequenas com o intuito de este movimento lhes ditar o futuro, quanto à sorte matrimonial. Se as pedras lançadas ficassem presas no cimo do barroco, o sinal era de que encontrariam o rapaz para o resto da vida. Se, ao contrário, as pedras rolassem esse desejo não se cumpria. Lembrar essa estória local, que fez parte da adolescência das atuais mulheres setuagenárias e octogenárias é motivo de gargalhada pois duas delas cumpriram o ritual juvenil e as pedras acertaram. Casaram cedo, num tempo em que esse compromisso religioso era para a vida, viesse o que viesse. E assim foi, casamentos resistentes como o granito, à prova de todas as distâncias, saudades, privações e emoções. Sem comprovação fatural, sente-se uma relação mística entre a energia dos contextos naturais, a água, as pedras, com o curso das vidas concretas de quem habita os lugares.



Figura 4 - Captar as formas, a luz e a mística silenciosa do “barroco das pedradas”: que ditava casamentos às raparigas da aldeia dos Trinta.

Há neste contexto ambiental uma áurea especial, sobretudo quando estamos debaixo do gigante barroco, uma impressionante escultura natural que nos faz sentir o quanto somos breves face ao peso destas pedras de longevidade eterna. A paisagem é património e também, por isso, cenário para a expressão das identidades dos lugares que nos servem de apoio à narrativa do projeto audiovisual.

Daqui partimos para o **contexto da aldeia**, o das calçadas e das casas, o habitat construído pelos sonhos e necessidades de quem aqui nasceu ou escolheu viver. Pretendia-se, nesta parte, reter pormenores espaciais que pudessem, em fase de pós-produção, apoiar enquadramentos e/ou reforçar determinado ângulo desejado. São os lugares vividos pelas “personagens” da narrativa, memórias físicas de pertença comunitária, espaços comuns de muitas caminhadas, para cima e para baixo, no fluxo intermitente da sobrevivência que se marca nas horas sonoras do velho sino da aldeia. Ou de todos os seus toques, ora festivos pelas romarias e alegrias, ora trágicos pelas mortes que ao tempo não escapam.

Percorremos essas ruas, quase sempre sem gente que as ocupe, sinais dos tempos de despovoamento de uma terra do interior que foi esvaziada pela primeira geração da emigração dos anos 60 e 70, a sua grande maioria já não viva, e apenas sazonalmente ocupada no verão pelos emigrantes da segunda e terceira geração. Filhos e netos que regressam no tradicional

agosto dos reencontros e das festas. Matéria que daria para outro documentário, que não cabe no presente trabalho. Fizemos muitas captações de imagens que, sabemos, não serão todas usadas, mas permanecem em arquivo para futuras projetos.



Figura 5 - Lugares vividos pelas “personagens” da narrativa, chão de muitas passadas

Sobre **a viagem** como elemento âncora do documentário, quisemos passar pela experiência direta de a fazer acompanhando mais uma de muitas que fez Manuel da Fonseca Rodrigues, nosso avô. Foi na Páscoa de 2023 que se concretizou essa partida numa carrinha “do passador”, como se diz. Ficou essa designação para o atual transporte de aluguer, legal e personalizado, em grupo de nove a 12 pessoas. São as expressões de um léxico que permanece na memória referente ao período da diáspora ilegal e “a salto”. Isto é, sem autorização estatal e, por isso, feita em condições de risco com intermediários expeditos, de um e outro lado das fronteiras, que viram nesse tempo de “sangria” humana uma oportunidade de negócio.



Fazer esta viagem não é a mesma coisa do que fazê-la à época (1964) da primeira que levou Manuel Rodrigues na aventura do desconhecido e do medo de ser apanhado pelos “carabineiros”, guarda-civil espanhol que tinha função de vigiar e barrar a passagem dos primeiros portugueses sem papéis e sem destino certo. Imaginar esse contexto é elogiar a silenciosa dignidade da procura de melhor vida que qualquer ser humano precisa e merece. E que se transformou, naturalmente, numa marca de água perene na memória que quisemos revisitar.

Figura 6 - A autora durante viagem a França com “passador” para experienciar, na atualidade, a aventura da emigração.

O nosso objetivo foi “passar” pela viagem, entre uma partida de madrugada e uma chegada tardia à França, horas de paisagens diferentes, imensidão de horizontes desconhecidos e a certeza de que, mais que o destino, era a própria viagem que nos interessava. As conversas dos passageiros, as expressões joviais, as paragens para recompor o estômago (já não do garrafão e da chouriça, como outrora, marca de uma portugalidade embrionária das primeiras diásporas). Tudo nos serviu para viver por dentro uma experiência mais contemporânea dos fluxos migratórios e captar, com modéstia, partes essenciais das vidas dos seus protagonistas.

Pode fazer-se um paralelismo com o que se passa com o atual e intenso drama dos fluxos migratórios mundiais, provocados por guerras, pobreza extrema e alterações climáticas. No centro de tudo está, invariavelmente, a fuga às condições desumanas e a procura de trabalho que devolva a sobrevivência e a esperança numa vida melhor. Nesta viagem a França, podendo ser a última para alguns dos passageiros que tivemos o privilégio de conhecer, todos octogenários, é impossível captar em imagem o que lhes percorre a alma indizível. Guardam o que é difícil expressar. Não quisemos, por isso, invadir os seus mundos, como se fôssemos repórteres excitados de ocasião na procura da melhor frase do dia ou da noite. Interiorizámos, ouvimos, sentimos e viajámos. Só isso? Sim, basta para que se instale uma certa inspiração a partir dos mais pequenos pormenores, de um rosto que se esgueira na janela da viatura, desviando os cortinados, mãos ansiosas pelos abraços que se adivinham na chegada, enfim, corpos doridos de anos e anos destas viagens entre duas margens de um só sonho: estar sempre onde é preciso estar, até ao fim.

Já em território francês, o nosso propósito foi conhecer onde foram os lugares da vida dos nossos avós, percorrendo as mesmas ruas, identificando as casas que ainda foi possível, visitar, a fábrica das longas três décadas de trabalho, a encaixotar parafusos. Como era a vida destes emigrantes no país de acolhimento? E como é voltar aos mesmos lugares, agora numa outra condição?

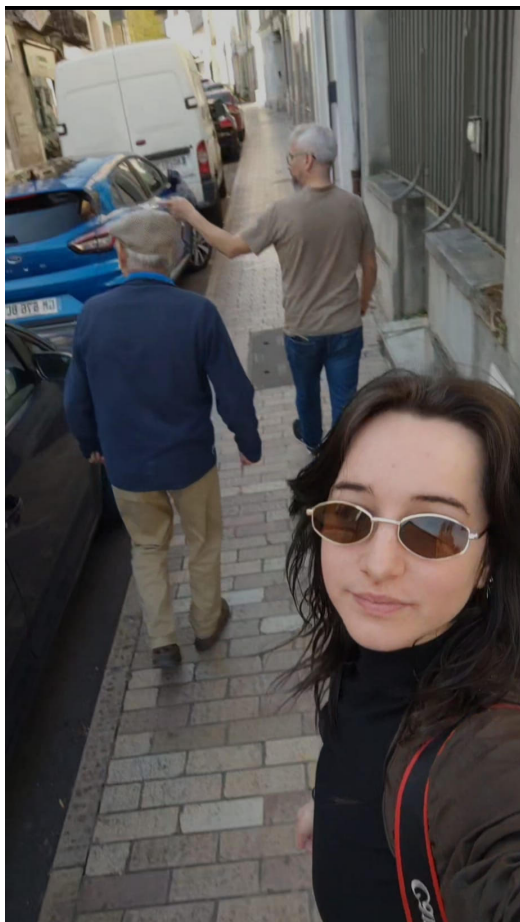


Figura 7- A autora durante a viagem a Bougival com Manuel Rodrigues, para registar, na atualidade, os locais que o mesmo habitou

Não se pretendia extrair e apresentar uma cronologia visual de todos os lugares, apenas uma aproximação simbólica para se percorrer a linha condutora das vivências nestes espaços que significam acolhimento, azáfama do trabalho no corre-corre. Lugares que testemunham o quanto a comunidade de portugueses foi importante, não só como mão de obra na consolidação de uma economia em crescimento, que lhes foi muito útil no processo de poupança financeira, mas também como cidadãos de plenos direitos, independentemente das suas origens geográficas e/ou crenças e domínios culturais. Estes lugares são, por isso, determinantes para se compreender uma certa perspetiva da história do processo da emigração, que não é o nosso propósito.

3.4.2- Meios e recursos

Para toda a captação deste projeto, foram necessários alguns meios e recursos básicos, todos eles fornecidos pela Crat, da Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco, pois não possuíamos nenhum material necessário. Nisto, referimo-nos a um elemento de captação de imagem, uma Máquina Fotográfica Canon EOS 90D + Obj 18-135. Para o suporte da mesma utilizámos um tripé Sirui. Maioritariamente das captações realizadas, foi utilizado o tripé, à exceção das imagens realizadas em plena viagem, pois era impossível e havia pouco espaço.



No que toca à captação de todo o som natural, foram utilizados dois tipos de microfones, também fornecidos pelo Crat. O microfone Rode C/suspensão Rycote, para tudo o que fosse som da água, dos pássaros, do sino, etc... Para as entrevistas, foram utilizados os microfones de lapela Sony, sendo um deles um recurso *backup*, caso o outro tivesse algum problema. Todo o som de estúdio, foi captado com uma interface focusrite 8i6 e com um Micro sm 58.



Para as imagens da entrevista da protagonista, utilizámos um material de uma geração mais antiga. Ou seja, uma SteadyShot Handycam 8 Sony.



Para a gravação das imagens da entrevista da protagonista, foi-nos fornecido o espaço do Aquilo Teatro, na Guarda, onde tivemos à disposição uma caixa de palco, e todo o material técnico para a iluminação, como uma mesa de luz DMX 512, quatro luzes leds, e os respetivos cabos de alimentação.

3.4.3- A entrevista como método

Compreender o que se faz e porque se faz de uma determinada forma, constitui uma das etapas mais importantes do processo de trabalho de investigação e recolha de informação. Procurámos identificar um enquadramento teórico que melhor se enquadre na defesa do uso da entrevista como método de recolha direta de testemunhos de indivíduos para a composição do nosso documentário.

Como contextualiza Amaral (2012, pp.275-287) a entrevista esteve inicialmente vinculada ao uso regular em disciplinas como a etnologia e etnografia, no primeiro quartel do século XX, como forma de recolha de informações diretamente dos informantes chave. Derivou para outra variante designada por entrevista focalizada (*focused interview*), com o objetivo de procurar “marcas” de uma experiência determinada. Ao citar a literatura sobre metodologias de investigação, este autor sustenta que a entrevista é, na realidade, uma “entrevista em superfície”, porque permite produzir e reter um discurso que se revela em toda a sua superfície, em contraponto com um inquérito por questionário que só produz e retém fragmentos de discurso.

Assim, a entrevista em profundidade pode ser encarada, de acordo com Amaral (p.276), como um encontro falado entre dois indivíduos, o entrevistador e o entrevistado, com diferenciação de propósitos, que comporta interações tanto verbais como não-verbais. Ou, na mesma linha, a entrevista consiste num diálogo face a face, direto e espontâneo, de uma certa concentração e intensidade, entre o entrevistado e o entrevistador, que oriente o discurso lógico e efetivo de forma mais ou menos diretiva, segundo a finalidade perseguida. Com mais ênfase em questões metódicas e na interação verbal, outros contributos são adiantados no sentido de se considerar a entrevista como um procedimento metodológico com finalidade científica, mediante a qual o entrevistado deve proporcionar informações verbais, por meio de uma série de perguntas intencionais ou estímulos comunicados. Em termos de classificação, a partir dos contributos teóricos mobilizados, podemos enquadrar as nossas entrevistas na categoria *semidiretiva* ou *semiestruturada*. E não na categoria de entrevista totalmente estruturada com um guião de base e inalterável. Achámos que esse método não se adequava, de todo, porquanto se pretendia deixar espaços de liberdade como uma conversa aberta de reação espontânea a pensamentos e falas próprias de ambientes de confiança nas relações interpessoais.

Mesmo assim, e porque fazer um trabalho desta natureza “sem rede” é arriscado, sob pena de não ter substância, ancorámos o processo em bases teóricas (Rubio e Varas, 2001:408), a

partir das quais identificamos os seguintes elementos básicos ou princípios orientadores para distinguir a entrevista da observação comum:

- a) A conversação está sustentada por um propósito (objetivos de investigação);
- b) A relação entrevistador-entrevistado é assimétrica, sendo o primeiro quem dirige e ordena, em maior ou menor medida, o curso da entrevista;
- c) O suporte básico de informação, ainda que não exclusivo, é a palavra;
- d) A dinâmica da entrevista assenta numa interação comunicativa, cujas dimensões o entrevistador deve conhecer e manejar;
- e) É uma situação cara a cara na qual não interfere nenhum suporte material ou terceiras pessoas entre o entrevistador e a pessoa entrevistada.

No nosso caso, a única alteração na aplicação destes princípios orientadores reside no uso de suporte material para a respetiva gravação de imagem (máquina de captação visual) e som (microfone de lapela). Procurámos que o uso destes dispositivos não condicionasse a autenticidade das conversas, uma vez que em certos casos pode inibir a desenvoltura nos discursos. O fato das pessoas entrevistadas conhecerem bem a autora deste projeto, e as suas intenções, fez com se sentissem à vontade e esquecessem que estavam a ser gravadas. O que permitiu extrair testemunhos sem interferências externas de terceiros e funcionassem como testemunhos genuínos.

À exceção de Bárbara Coelho, num determinado momento em que as suas palavras tinham um cunho de reflexão crítica comparativa entre o atraso político de Portugal face à França. Momento esse que, pelo seu simbolismo, deixámos propositadamente na narrativa. Afirmar, ainda que baixinho, o que lhe vai na alma, espelha uma realidade sociológica de transição de identidade cultural entre o medo e a liberdade de se dizer o que se sente. Mesmo que seja sobre o contexto de atraso em que deixaram a pátria de nascença face ao “novo mundo”, mais aberto e promotor de liberdades cívicas e oportunidades de se projetarem como cidadãos de plenos direitos e oportunidades de trabalho, uma das mais determinantes condições de dignificação do ser humano.

Mesmo sem o uso de guião estruturado, para que também nenhum papel que era preciso ler não ofuscasse a riqueza da conversa aberta, foi preciso ter em consideração mais princípios para que a atitude de quem entrevista esteja no rumo certo, pois se por um lado os entrevistados se sentem muito à vontade, pela familiaridade enraizada, por outro isso contribui para muita dispersão discursiva. Para o evitar, tivemos igualmente em conta os seguintes princípios: (Amaral, 2012, p. 277, *op.cit.* Quivy e Campenhoudt, 2008:74-77)

1) Para evitar respostas breves e menos interessantes, o entrevistador deve esforçar-se por fazer o menor número possível de perguntas, porque a entrevista não é um interrogatório nem um questionário.

2) Reconduzir a entrevista aos seus objetivos, evitando intervenções demasiado precisas e autoritárias, incentivando o entrevistado a aprofundar certos aspetos importantes exprimindo a própria “realidade” na sua linguagem, com as suas características conceptuais e quadros de referência, deixando os silêncios como espaços de liberdade no pensamento de modo a não abafar a livre expressão.

3) O entrevistador deve abster-se de se implicar no conteúdo da entrevista, não tomando posição sobre afirmações do entrevistado ou envolver-se em debate de ideias.

4) Para se conseguir uma entrevista aprofundada e autêntica, esta deve desenrolar-se num ambiente e num contexto adequados, sem presença de terceiros, devendo o entrevistado ser informado da duração provável da mesma.

5) Do ponto de vista técnico, é indispensável gravar a entrevista, conseguindo-se uma homogeneidade de recolha sem a intensidade da tomada de notas que pode distrair o entrevistado, devendo-se anotar, de tempos a tempos, algumas palavras simplesmente para estruturar a entrevista em pontos a esclarecer, questões a que seja útil voltar ou temas que falta abordar.

3.4.4- Guião, planos e enquadramentos

À partida todo o produto audiovisual tem de ter um guião, que serve de guia para se contar toda a narrativa. No caso do nosso documentário optámos por não fazer. Isto porque, quando é feito um trabalho de campo, nunca sabemos o que nos espera. Podemos ir com uma ideia do que pretendemos gravar, e acabar por ter um resultado totalmente diferente. E podemos constatar que este foi o nosso caso. Quando foi feita a viagem para a França, com o passador e a ida a Bougival, não tínhamos noção do que íamos encontrar, tínhamos zero expectativas.

Assim como os planos e enquadramento das imagens capturadas, não foram pensadas previamente. Só quando chegámos aos locais de gravação, é que observávamos e percebíamos como é que queríamos, e quais os planos que ficavam bem, ao nosso ver.

Exceto os planos e enquadramentos das imagens da entrevista da protagonista e a imagem final. Pois era algo encenado e já tínhamos a ideia de como queríamos que ficasse visualmente.

Outros planos que foram pensados antes de gravados, foram das entrevistas. Optámos por planos mais aproximados e de pormenor.

3.4.4.1- Iluminação

No que se refere à iluminação, a nossa opção foi tirar partido dos ambientes naturais exteriores e nos interiores manter conversas com entrada de luz natural para o rosto das entrevistadas, neste caso duas das mulheres. Não só porque não dispúnhamos de recursos técnicos para criar cenários mais trabalhados, mas porque quisemos assumir esse despojamento e tornar as imagens as mais neutras possíveis, não intensificando contextos de capação e mantendo registos limpos de interferências de luz artificial desnecessária, no caso das entrevistas.

Isso já não aconteceu quando foi preciso recorrer à construção cenográfica de algumas cenas a reconstituir o contexto de trabalho (fábrica de parafusos) e a simulação de partida e chegada com um dos objetos mais importantes da narrativa, a mala.

3.4.4.2- Entrevistas: interpretação das narrativas

Recuperar a palavra humanizada, em discurso direto, de ex-emigrantes portadores de histórias invisíveis que se vão perdendo na efemeridade da memória. É este o principal propósito de um percurso de conversas que se transformam em representações longínquas de vidas singulares de portugueses/as que escolheram partir para a diáspora, na primeira década de 60 do séc. XX.



Figura 8- Preparação da entrevista com Maria Augusta dos Santos, 75 anos, na sua casa (Trinta)

Estas entrevistas funcionaram como “gatilhos” de episódios extraídas do “armazém” das recordações com grande carga emocional. Mesmo quando se narram os anos mais duros de uma adaptação a um contexto desconhecido. Há nestas pessoas uma curiosa coincidência narrativa de que a emigração foi globalmente uma coisa boa, positiva. Porque lhes alterou o rumo para uma vida digna, aparentemente bem resolvida em todos os planos. Sobretudo no plano material, na medida em que todos cumpriram o velho sonho de construir “uma casinha” na aldeia, para um dia regressarem.

As entrevistas tiveram ainda uma outra evidência relevante. A de que estas pessoas falam invariavelmente da forte importância dos vínculos positivos entre elas e os conterrâneos - mas também com os franceses. E em particular a memória precisa de vivências alegres com a protagonista deste projeto, a quem tratam carinhosamente por “São”. Uma abreviatura de quem guardam os melhores momentos da vida passada entre a dureza do trabalho, ao “negro” no início”, e as tardes domingueiras a “matar” saudades das comidas e dos lugares da terra natal. Um tempo “purificado” de boas energias da esperança que aumentava à medida que os francos se amealhavam, a cada mês, a cada ano, e que lhes permitia sonhar e projetar melhor futuro.

O nosso caminho é necessariamente limitado, pelo número de entrevistas captadas, mas o suficiente para se ilustrar a profundidade das marcas dessa aventura da emigração nos

testemunhos autobiográficos, quer do marido da protagonista que inspirou este trabalho, Manuel da Fonseca Rodrigues, quer também de três mulheres contemporâneas de Purificação do Carmo Galinho.



Figura 9- Augusta Santos e Cândida Fernandes, ex-emigrantes, abrem o “livro” das memórias

Contatadas diretamente por nós, fruto de uma proximidade vivencial ao contexto da aldeia dos Trinta, foi feita uma primeira abordagem explicativa sobre o objetivo do nosso trabalho. A proposta foi acolhida não só com total disponibilidade, mas, sobretudo, como uma oportunidade entusiástica de recordar o que não se pode esquecer. Uma oportunidade de retomar o fio à tecelagem dos longos anos, uma trama que se fez literalmente, primeiro, nas fábricas têxteis locais e, assumida a partida, aquela que se engendrou na busca de outros trabalhos em terras desconhecidas.

Maria Augusta dos Santos, 75 anos, Cândida Fernandes, 76 anos e Bárbara Coelho, 81 anos, revelam, pela linguagem da memória, episódios que marcam trajetos difíceis, opções duras, perdas, partidas, saudades, arrependimentos, mas também o que contribuiu para vidas muitos mais realizadas e, em certa medida, felizes. Os balanços de uma vida, entre o que deixaram na partida e o que encontraram na chegada. O brilho nos olhos de quem recorda o lado bom da emigração, o que as ajudou a abrir as vistas (horizontes) que na aldeia pouco alcançavam. As expressões desse rico cruzamento cultural entre duas realidades, à época, tão diferentes. As emoções à flor da pele, o recrudescimento do que já quase não havia memória, e a importância

capital das boas relações humanas. A emigração foi também essa âncora de uma portugalidade com fortes vínculos socioculturais, de se manter lá as tradições e os costumes de cá, as ligações umbilicais que dão sentido à vida de quem escolheu não se acomodar à fatalidade de contextos pobres e pouco esperançosos no futuro.

Neste presente vivido e recordado, captado pela nossa câmara, em termos tecnológicos, mas interiorizado na nossa própria forma de ver o mundo, no atual contexto de quase desumanização, é muito reconfortante “entrar” nas vidas de mulheres que foram “atrizes” de representações instantâneas, em palcos feitos de cenografias despojadas, sem luzes coloridas, com papéis sempre menores. Mulheres da limpeza, filhas feridas de saudade de mães que ficaram, esposas de homens faz tudo, mães de filhas e filhos “entalados” na pertença entre duas pátrias. Sempre a dor da separação e a angústia da indecisão entre o lado dos afetos e do amor de família e o lado da sobrevivência material, para a qual não havia limites que o corpo impusesse. Sempre o trabalho no leme de todas as viagens. De todas as madrugadas incertas.

A essência das conversas com estas mulheres está muito para lá do que as palavras dizem. Sente-se na respiração da alma, nos suspiros que não se traduzem na linguagem verbal. E o que trespassa é que a emigração foi, afinal, um processo multidimensional que confrontou a resistência física e psicológica de quem desejava, afincadamente, mudar o rumo predestinado ao berço de madeira corroída com o agasalho da manta de papa nos invernos de “cortar à faca”.

De ativos emigrantes económicos, cuja principal motivação era fugirem à pobreza, a ex-emigrantes na última etapa das suas viagens, estas pessoas expressam bem o quanto a plena integração no país de acolhimento os transformou em cidadãos realizados e fortemente enraizados àquele contexto. Pois continuam a manifestar bem viva essa comparação entre as diferenças de ambos os lados geográficos das suas vidas. Um Portugal que é apenas, nesta fase, o reconforto de um regresso à casa-mãe, a fechar um ciclo geracional de cumprimento de desejos de pais e filhos, de avós e netos.

De seguida, “viajámos” por esses testemunhos numa transcrição das suas próprias palavras.

Sobre a viagem, a vida em França e o regresso destas protagonistas desconhecidas de um importante capítulo da história de Portugal (conforme foto em baixo ¹⁹) extraímos para o presente relatório uma síntese do essencial dito por estas mulheres. Como não seguimos um guião estruturado com perguntas, a opção não foi, por isso, a transcrição total das entrevistas,

¹⁹ Cfr: <https://fasciniodafotografia.com/2018/10/30/gerald-bloncourt-os-portugueses-em-franca-e-em-portugal/>

mas, na linha do perfil da narrativa de reflexão, intermediar pensamentos breves sobre as falas expressas.



1119/10a- immigré portugais arrivant à la gare d'Austerlitz à Paris - 1965

©Gerald Bloncourt

A viagem de Portugal para França da emigração ilegal dos primeiros anos foi uma experiência reveladora de medos e adrenalina, mas muita esperança, pelo que representava para as vidas destas pessoas. Como contextualiza Luís Castro Mendes²⁰, diplomata e escritor, a comunidade portuguesa em França teve a sua origem num movimento migratório com início nos anos 60 do século passado, a que se deu o nome de "O Salto".

“Eles agrupavam-se, vindos em táxis ou em camionetas, nos pontos indicados pelos passadores e esperavam. Às vezes juntavam-se a eles os desertores, os foragidos políticos, com o sonho noutros horizontes, os da Revolução. Juntavam-se e esperavam, vindos de muitos lugares e de muitas vidas.

E por vezes acontecia o que eles mais temiam: em lugar do passador aparecia a polícia, por denúncia de informadores. Emigrar era um crime, a força de trabalho tinha de ficar disponível a preço vil e sair para ir trabalhar por melhor salário era uma traição

²⁰ Artigo de opinião no Diário de Notícias de 1 de fevereiro de 2022, <https://www.dn.pt/opiniao/o-salto-14546011.html>

equiparável a desertar da luta pela África Portuguesa ou a combater a política de Salazar, que nos garantia a todos a guerra e a miséria.”

É esta realidade que se ilustra nos testemunhos aqui, em síntese, reproduzidos e que usámos no respetivo documentário audiovisual. Purificação Rodrigues, a nossa principal fonte de inspiração, conta como foi e como reagiu com a mudança:

«Cheguei à França no dia 1 de novembro de 1969, fui com um “passador” daqui dos Trinta até Vila Formoso e dali, mais os meus dois filhos de cinco e três anos, veio um rapaz que nos ajudou a atravessar até outro sítio, aí pelas 4 horas da manhã. O rapaz levava a minha filha às costas e eu levava o meu filho ao colo. Fomos para um restaurante onde ficámos todo o dia escondidos, por cauda da polícia. À noite, o passador levou-nos de carro até certo sítio, depois veio outro senhor que nos levou também, e foi assim que cheguei à França. O meu homem também foi “a salto”, cinco anos antes de mim, mas passou mais trabalhos do que eu porque teve de ir pé por aí fora.

Mas eu nunca quis ir para a França, porque diziam que só viviam nas barracas e eu dizia que não queria ir para barracas, como, de facto, nunca fui para as barracas a viver. Tive lá 33 anos.

Nessa altura, trabalhava cá na fábrica, estava bem, tinha a minha casinha toda bem arranjada, mas ele quis abalar e não se segurava lá sem mim, ou eu ia ou então vinha embora. Pronto, foi assim que resolvi e ir. E depois não gostava de lá estar, chorava muito porque deixei cá a minha mãe e, mais tarde, também os meus filhos.»

Esta foi uma realidade comum às suas conterrâneas e amigas, praticamente nas mesmas circunstâncias de vida, experiência de viagem e de trabalho em França e a separação de pais e filhos. O sentido da família está sempre presente e marcou as opções, as decisões e também as “dores de alma” de quem teve que passar privações e decidir opções que, em alguns casos, marcaram rumos e sentimentos de quem ficou, de quem partiu, de quem só se reencontrava uma a duas vezes por ano.

Se a partida foi marcante, o resto do tempo de emigração, a rondar as três dezenas de anos, contribuiu para sentimentos de perda, mas, sobretudo, de descoberta.

Por exemplo, Bárbara Coelho explica:



«Fomos a pé, por aí fora. Uma passagem dura porque a gente ia sem saber qual o destino. Entrámos em Espanha, andei de comboio uns três dias, não me lembro de parar em lado nenhum. Fugíamos, se viesse a polícia apanhavam-nos. A passadora disse-nos, ponham um bocadinho e batom para se fazerem de espanholas. (risos). Nunca tinha posto batom e nunca pus e nesse dia nem sei quem é que levava.

Chegámos à França, mas ao passar a fronteira um polícia abre-me o passaporte, olhou para outro polícia, e viu bem que era um passaporte falso, mas como precisavam lá de mão de obra, fechou o passaporte e passámos, eles não eram parvos, mas nesse tempo eles queriam era mão de obra.»

Por seu lado, Maria Augusta conta:



“A aventura de ir para a França foi “a salto”, fui com um primo meu que passava pessoas, fui de carro até a fronteira e aí passámos a pé, e depois voltou a apanhar-me de carro, não fizemos muito trajeto a pé.

O meu marido já lá estava [França] e depois fui para casa de uma tia onde vivíamos quase a monte, pagávamos a renda por todos, ainda vivemos num quarto de um hotel e depois arranjámos uma casinha, com uma caminha, uma mesinha para comer e pouco mais, era assim!»

«Andámos não sei quantos quilómetros até aos altos Pirenéus.»

Manuel Fonseca Rodrigues, atualmente com 86 anos, marido de Purificação, é um dos ex-emigrantes da primeira leva de homens que deram “o salto” para a França em 1964. Até à ida da mulher, cinco anos depois, não se fixou convictamente naquele país de acolhimento, prova de que não bastava ter trabalho, mas sim ter a família junta.

Conta de seguida como foi a experiência da viagem:

«Para a França, fui primeiro daqui para a Guarda, num dia de manhã, e à noite, ao pé de uma taberna que havia na Dorna, onde agora está a rotunda, juntámo-nos, pagámos lá ao gajo [passador], demos 9 contos cada um. Depois, a certas horas, vieram dois carros de aluguer e levaram-nos para a fronteira de Vilar Formoso. Aí saltámos uma parede, estava lá um gajo com um pau levantado à nossa espera e lá fomos com ele a andar por aí fora. Andamos toda a noite. Passámos perto dos carabineiros. Naquela altura, aquele que apanhavam ia para a “gaiola”.

Chegámos a um certo sítio, apareceu uma mulher e meteu-nos numa carrinha, íamos lá uns nove atrás. E cobriu-nos com um cobertor. Depois chegámos a um ponto, num ramal de uma estrada, meteu-nos numa mata, num pinhal pequeno, deixou-nos e disse: ficais aqui que vou-vos buscar de comer, já aqui venho a ter.»



Figura 10- Manuel Rodrigues durante a conversa à volta da vida de emigrante.

A memória precisa ser puxada, ir lá bem fundo para a reconstituição do “filme” que o marcou para a vida. As palavras permitem esse regresso aos pormenores dessa “mítica” passagem ilegal de portugueses à procura do sonho. E prossegue:

«Mais tarde passa um carro para a frente do ramal, e eu estava com ela, com a mulher, os outros estavam em cima escondidos. Diz ela para mim: “Conho, se tivesse uma pistola já o matava”, mas não tinha pistola. E disse ainda: “Mira por além que eu miro por aqui”. O carro abalou, e ela foi-se embora também. Depois levou-nos lá de comer e entrámos outra vez na carrinha, ainda andámos não sei quantos quilómetros até aos altos Pirenéus. Aí foi tudo a pé, subimos e descemos. Aí é que foi! Aquilo era um caso sério, antigamente, iam raparigas, mulheres e tudo a pé. Ia muito malta naquela altura, iam aos bandos.

Ao chegar a França, estavam lá uns homens com uma carrinha grande, lá nos meteram na carrinha, foi quando nos levaram lá para perto de Paris. À noite, uma mulher nossa conhecida deixou-nos lavar, deu-nos de comer e tudo, e depois foi-nos pôr lá numa barraca. Estava lá uns 10 ou 20, numa barraca pequenita, era tudo de cambulha.»

Tive lá não sei quanto tempo, depois fui para uma fábrica. Trabalhávamos muitos portugueses aqui da terra. Tive lá uma temporada, mas vim-me embora para aqui (Trinta) e voltei outra vez para a fábrica das mantas. Trabalhei lá 8 meses, depois veio aí um homem que era meu conhecido e desafiou-me: porque é que não vais para a França? E eu respondi: oh, já lá estive, mas não gosto daquilo! Mas depois arranjei lá trabalho, andei lá nas obras um mês ou dois, perto de casa. Ao fim de um ano, vim cá arranjar os papéis, arranjei o passaporte e tornei outra vez a ir.

Lá fui, disse ao encarregado aqui da fábrica que me ia embora para a França. Depois fui então para o armazém [Restagraf] meter os parafusos nos cofres. Passou por várias fases de mudança geográfica dessa empresa até à última em Clichy. «Tive lá 25 anos e meio, até que me reformei».

Manuel Rodrigues, um andarilho sem pouso definitivo nos primeiros cinco anos de emigração, andou para lá e para cá, indeciso, até que assentou após a ida da mulher. Não se sentia bem sem a sua “companheira de viagem”, a mulher que o encantou na idade juvenil de se escolher (ou ser escolhido) para uma vida a dois. Só descansou quando Purificação faz o “salto” para o tão aguardado reencontro.

«Ela foi para lá em 1969. Foi logo a trabalhar a fazer “ménage”. Mais tarde, eu disse ao meu chefe se a lá metia [na fábrica]. O chefe disse que sim. Meteu-a lá, tivemos lá os dois, eu 25 anos e meio, ela teve lá alguns 20 e tal anos também. Tivemos em Bougival, habitámos lá em três casas.»

A finalizar, com um olhar semicerrado na direção do casario da aldeia berço, reconhece que a França «era um país muito diferente, em tudo» e que «os portugueses tinham todo o valor, porque eram trabalhadores. Lá, a gente tinha todo o valor.» É o reverso de um processo que se entranhou na alma e a saudade no que viveram por lá e ainda muito forte:

«Às vezes, lembra-me a França, tenho saudades de tudo, do tempo que a gente lá passava, com os amigos aos domingos. Se fosse agora tinha voltado para lá!»

Mas até chegar a este sentimento de se ter saudade da França, há marcas difíceis dessa diáspora que revelam o lado contrário à ideia romântica de que estar num país com mais oportunidades de trabalho representava, automaticamente, uma vida assegurada. Destaca-se a virtude de saber esperar e a entrega de quem partiu de um contexto pobre para o sonho de ganhar a vida, isso implica todos os sacrifícios e privações de quaisquer mordomias. Integrar um novo país, uma nova cultura, língua diferente, implicou aquilo que, à partida, deve ser normal em qualquer ser humano: a capacidade de superação quando está em causa não apenas “salvar a pele” perante as ameaças mas, neste caso, com a mesma força de superar dificuldades, alcançar as condições básicas de habitabilidade, acesso a um trabalho digno e bem remunerado (que permite finalmente a emancipação financeira e, com ela, o acesso à aquisição pessoal de bens materiais de primeira necessidade).

A natureza dos trabalhos nunca foi impeditiva de futuro para estes emigrantes, faziam tudo o que aparecesse como oportunidade, mas invariavelmente o setor das limpezas terá sido o mais comum a todas as mulheres. Se não sempre, pelo menos nos primeiros anos. Ou mesmo em toda a vida ativa naquele país, como foi o caso de Bárbara Coelho:

“Fiz limpezas toda a minha vida lá, durante 36 anos. Como a gente ia para trabalhar e ganhar dinheiro, a gente fazia o mais que podia. A vida lá tinha de ser só trabalhar. Em França, trabalhei muito, embora quando cá estava também trabalhava, às vezes, 16 horas seguidas, na fábrica, também não era fácil.”

Recorda que “tínhamos de encontrar uma patroa para nos fazer os papéis”, ou seja, era a porta de entrada para a legalização, tal como hoje no processo de acolhimento e integração legal de imigrantes em Portugal. É unânime nestes testemunhos de que a vida no país de acolhimento não foi propriamente uma festa ou coisa fácil. Fica isso claro nas palavras de Maria Augusta:

“Fazia umas horas na casa de umas senhoras, mas depois arranjei trabalho numa fábrica. Depois de arranjar trabalho era de casa para o trabalho e do trabalho para casa, era assim. Em parte, sempre tínhamos mais dinheiro, era um bocadinho melhor, mas a vida lá não era fácil, não era um “mar de rosas”, a gente era a correr da casa para o trabalho e do trabalho para casa, tínhamos que esticar o dinheiro para ficar algum ao fim do mês. Cá ainda era pior, sujeitámo-nos.”

Também Cândida Santos se refere a essa passagem, mas com menos memória dos lugares e condições porque passou. O que não esquece é a imagem da maior tragédia da vida, na aldeia natal, que foi perder pai e mãe soterrados num desabamento de terras, durante a construção da estrada entre as freguesias dos Trinta e Videmonte. Tinha 12 anos. A distância do tempo jamais pode apagar tal episódio. Ao contar, a emoção é profunda e as palavras ficam presas. Recorda que o pai era um dos três homens que esventravam terra à mão e a mãe, como sempre, ia levar almoço. Ela estava na escola, quando regressa a casa já se ecoavam gritos pela tragédia. Correu, correu sem que ninguém a conseguisse parar. O pai ficou sem ser visto, a mãe ainda respirou para lhe dizer “adeus minha filha, nunca mais de vou ver”. Ela viveu com uma tia, até se casar aos 19 anos por procuração, por o marido se encontrar a cumprir serviço militar em Moçambique. O irmão foi para uma casa de acolhimento de órfãos em Lisboa. Não tem a cronologia das datas ativa e, por isso, não se lembra quando foi para a França, ao certo, apenas de que “o meu homem foi primeiro” e ela foi lá ter. Viveu em casa de familiares, trabalhou como mulher-a-dias, como praticamente todas as mulheres no início, até conseguirem alugar “uma casinha”, onde criou dois filhos.

“Umas vezes chorávamos, outras cantávamos”, expressa ao lembrar a amiga São, com quem partilhou as alegrias e vivências dessa aventura que lhes permitiu mudar o rumo de vida. No seu olhar azul e postura bem-disposta mostra-se uma mulher alegre, apesar de tudo, com a tranquila viagem de regresso definitivo para o seu canto na aldeia natal. “Estamos cá bem, graças as Deus!”.

No fio das conversas, neste olhar sobre as estórias e as experiências pessoais destas três mulheres ex-emigrantes, encontramos pensamentos que estão entranhados e se relevam, na sua generalidade, como positivos. Nunca se referem à fase difícil do trabalho duro em França como uma espécie de “escravatura”, como lhe chamou o famoso fotógrafo Gérald Bloncourt, “o

franco-atirador" dos *bidonvilles*²¹ e da emigração portuguesa "a salto". Numa entrevista à agência Lusa, em 2015 – recordada pelo jornal Público em 2022²² - testemunha que os bairros de lata de Paris onde viviam tantos portugueses eram como "uma forma de escravatura moderna. Havia lama no inverno, era frio. Eram barracas feitas com tábuas, bocados de chapa. Era uma vida difícil, muito rude" [...].

Que foi difícil, não restam dúvidas e isso trespassa por todas as falas por nós registadas. Mas há outros fatores mais profundos, com impactos que perduram no estado de espírito quando ser pergunta o que custou mais. O afastamento dos familiares de sangue, diretos, aqueles de que se nasceu e os que se fizeram nascer. Num desabafo quase silencioso, Bárbara Coelho diz: "O que me custou mais, foi deixar a minha mãe, que a deixei cá sozinha, e a minha filha. Isso é que foi a coisa mais horrível."

Na mesma linha, desabafa Cândida Santos: "o que mais me custou foi deixar lá o meu filho e os meus netinhos". E face à inevitabilidade de um fim humano, o regresso pela morte dos entes queridos. Como foi o caso de Augusta Fernandes a quem o impulso emotivo da morte da mãe a fez voltar para a aldeia, onde esteve apenas dois anos até regressar de novo à França.

"Quando a minha mãe morreu viemos embora para cá [Portugal], coisa que a São me dizia: ai a asneira que vais a fazer! Mas, naquela atura, vim embora. Estive cá dois anos e depois voltámos a ir. Trabalhei depois no aeroporto de Orli, a fazer limpeza, claro, não era hospedeira (risos).

Para Bárbara Coelho o processo de voltar a Portugal não foi propriamente planeado, apenas uma consequência natural de um fim de percurso ativo, e sublinha o quanto aquele país a marcou para sempre:

"O regresso nem pensei nele, deixámos tudo, pegámos no carro e viemos embora. Ainda fomos lá duas ou três vezes e trouxemos tudo. Mas a França faz-me muita falta. Nem sei dizer porquê, mas há qualquer coisa que me falta, não sei dizer. Porque a gente levou tanto ano para se integrar, porque não estávamos no nosso país, e depois quando a

²¹ 'Bidonville' de Champigny-sur-Marne, nos arredores de Paris, e dos bairros da cintura industrial da capital francesa, foram bairros de lata onde os portugueses viverem nos primeiros anos de acolhimento.

²² Cfr. <https://www.publico.pt/2018/10/30/culturaipsilon/noticia/morreu-gerald-blancourt-retratista-bidonvilles-emigracao-portuguesa-salto-1849337>

gente já está à vontade, veio-se embora...já trazemos um bocado daquele país, já não será só um bocado, mas metade até. Falta-me a França!

O meu cérebro abriu-se! A França deu-me o que o meu país não era capaz de me dar, só me deu pobreza. Há passagens, assim, duras, duras, duras!



1115/11- Immigrés portugais - bidonville - 1965-
©Gerald Bloncourt



1143/20a- Les boites à lettres à l'entrée d'un bidonville portugais dans la region parisienne - Ils ont travaillé pour la plupart à la construction des immeuble que l'on aperçoit et qu'ils n'habiteront jamais. Annees 1960
©Gerald Bloncourt

As imagens dessa realidade inicial da emigração portuguesa “a salto” na vida dos *bidonvilles* (bairros de lata parisienses) foram retratadas pelo fotógrafo jornalista Gérald Bloncourt (1926-2018)²³.

3.5- Pós-produção

O processo da pós-produção, no nosso olhar, foi o mais trabalhoso e demorado. Mas foi aquele que nos deu mais gosto. Para criarmos um fio condutor que tivesse lógica, foi preciso fazer e refazer várias vezes. Um processo minucioso, exigente, mas muito compensador. O que estava idealizado de princípio foi totalmente modificado, a forma como começava, como se desenvolvia e como acabava a narrativa.

A história que apresentamos podia ter sido contada por outros, de maneiras totalmente diferentes. Todos temos formas distintas de nos expressarmos enquanto seres humanos, vem muito do nosso íntimo. Há sempre pequenos pormenores que podiam estar diferentes e futuramente olharemos para este projeto com outros olhos, talvez para concluir que o faríamos da mesma maneira.

Contudo, aprendemos que devemos seguir com o nosso pensamento e com o que estamos a sentir no momento de toda a construção narrativa, dando espaço a opiniões diferentes, mas, no fim de tudo, seguir a nossa própria visão.

Entendemos que, de maneira geral, conseguimos construir uma narrativa lógica, não muito exaustiva, e sobretudo não linear ou meramente descritiva. Desde o início que nos motivava fazer deste projeto uma oportunidade de reflexão, a partir do que íamos encontrar dos traços da humilde autodeterminação destas pessoas que tiveram a ousadia e coragem de sair do seu país à procura de melhor vida, melhor salário, melhor futuro.

3.5.1- Recursos materiais e tecnológicos (software)

²³ Gérald Bloncourt retratou a chegada da primeira grande vaga de emigrantes portugueses a França, nas décadas de 1950 e 1960. Registou a sua chegada, o acolhimento precário nos “bidonvilles” dos arredores de Paris: enormes bairros de lata, com condições de habitabilidade deploráveis, construídos junto das obras de construção civil. Um deles é o de Champigny-sur-Marne, o primeiro que fotografou. As suas fotografias foram testemunho de uma realidade difícil e ajudaram a melhorar as condições dos nossos emigrantes. Estas fotografias fazem parte dos arquivos da Cité Nationale de L’histoire de L’immigration, em Paris, e do Museu das Migrações e das Comunidades, de Fafe. Cfr: <https://fasciniodafotografia.com/2018/10/30/gerald-bloncourt-os-portugueses-em-franca-e-em-portugal/~>

Como software de edição de imagem, utilizámos o programa *Adobe Premiere*, pois é aquele que estamos mais à vontade/familiarizados, visto que foi explorado ao longo dos três anos de licenciatura.



Para toda a edição de som produzido em estúdio ou natural, optámos por trabalhar com o *Logic Pro*, pois já conhecemos o programa há algum tempo, e já o utilizámos para outros trabalhos académicos.



Para realizar o 3D dos rostos das entrevistadas, escolhemos um método que fosse mais simples para as mesmas. Por norma, costumamos fazer captura, com uma máquina fotográfica, de todos os pormenores, e em todos os ângulos para termos um resultado “perfeito”. Um método que demora cerca de 15 minutos. Mas desta vez, tivemos de ir por outra via, visto que as entrevistadas já têm uma certa idade, e não conseguem estar imobilizadas por tanto tempo. Assim, através da aplicação *MagicScan*, foi possível obter o mesmo resultado e por um curto período, por volta de um minuto.



Após termos todos os modelos 3D no formato obj, exportámos para o programa onde iria ser feita a animação dos mesmos, o *Blender*. Foi um processo muito demorado, pois foi

necessário ajustar pontos e polígonos dos modelos 3D, fazer a animação pretendida, com luzes e câmara, e a renderização do mesmo, que levou cerca de três horas.



3.5.2- Edição de imagem

Na edição de imagem, optámos por deixar a cor natural, mexendo num único parâmetro, a saturação, para termos um equilíbrio entre as imagens. Na cena final do projeto, editamos a imagem para preto e branco, para dar continuidade à imagem que aparece anterior. Mas, ao longo dos *frames*, a imagem começa a ganhar cor. Para isso bastou criar um ponto com 100% de saturação, e mais à frente outro ponto com 0% de saturação.

As imagens da cassete eram muito difíceis de controlar, pois era um elemento antigo, e que no visor só dava para observar a preto e branco, dificultando a percepção da cor real. Por consequente, muito dificilmente conseguiríamos corrigir algumas cores de certas imagens, por isso decidimos assumir todos os excessos de luz capturados pela máquina.

Uma técnica que utilizámos na entrevista da protagonista foi a sobreposição de imagem. Tínhamos um plano principal, e na parte de trás, em segundo plano, queríamos representar uma projeção. Para criar este efeito, colocámos as duas imagens sobrepostas na *timeline*, e reduzimos a opacidade da imagem secundária.

Em suma, não houve grande alteração das imagens originais.

3.5.3- Som e paisagem sonora

Como já foi referido inicialmente, entrámos em contacto com um músico, M-Pex (Marco Miranda), para pedir a sua colaboração. O mesmo respondeu atempadamente, (anexo 1) mostrando o seu grande interesse pelo projeto, e assim disponibilizou toda a sua discografia, exceto um álbum, e forneceu-nos uma licença de uso, de fins não comerciais. (anexo 2)

Para conseguirmos escolher quais músicas usar, houve toda uma envolvimento. Antes de começarmos a fase pós-produção, decidimos ouvir grande parte dos álbuns do mesmo. Fizemos uma seleção daqueles que tinham guitarra portuguesa, não muito modificada a nível de som, e que tivesse uma linha melódica que nós achámos mais poética. Outro método que utilizamos, foi que durante a viagem realizada a França, de 22 horas, ouvimos as várias músicas, ou mesmo tempo que visualizávamos e capturávamos as imagens para o projeto, fazendo com que houvesse uma maior percepção daquelas a selecionar.

Por fim, escolhemos sete músicas no total, de três álbuns diferente. Ao início temos a *Ocorre que os Cenários se Desmoronam*, que transmite uma espécie de suspense, pois tem o som da respiração. Na entrevista da protagonista, de Manuel Rodrigues e na parte em que surge um texto informativo, antes das entrevistas das mulheres contemporâneas, optámos por escolher as músicas *Balada do Sofrimento*, *Balada Fada feat. André Coelho*, *Balada do Tejo* e *Urbsmea feat. André Coelho*, pois tem a melodia da guitarra portuguesa, o que reforça todas as palavras que são ditas.

Na cena do 3D, que para nós ilustra as conquistas da emancipação das mulheres, optámos por uma música mais “modificada”, para representar o futuro, o que é novo e diferente, utilizando a música *Discurso do Oculto do Dominado*.

Para o final do documentário, quisemos fechar com algo semelhante ao início, que representasse, através da música, o que na imagem estava subentendido: a partida. Na música *Talvez Seja Dia Fora do Metro*, dá para ouvir o som do vento e de um comboio que está a chegar, fazendo uma ligação à imagem com os cabelos ao vento.

Foram criados textos originais inspirados em toda a narrativa, e sobretudo no que estas vidas comuns representam em termos simbólicos para uma certa “poética” interpretativa para lá do que é dito de forma imediata. Quisemos, com isto, dar mais “profundidade” ao contributo que este documentário pode ter numa reflexão mais aberta sobre a relação entre as vidas destas pessoas comuns, o seu contexto territorial e o que fica para lá delas. Esses textos, narrados por nós em voz-off, encontram-se em anexo (anexo 3). Todo o som da voz-off foi gravado em casa, com um aparelho próprio, já referido anteriormente. A única modificação que fizemos foi adicionar um bocadinho de *ChromaVerb*.

As vozes iniciais das entrevistas, também teve a mesma modificação, assim como na imagem animada da protagonista, mas um pouco mais acentuada, para dar efeito de “profundidade”.

Toda a base sonora das entrevistas não foi alterada, pois o som estava bastante “limpo”. O som da entrevista da protagonista é que teve de se adicionar *Compressor e ChromaVerb*, pois era uma entrevista antiga, de 2019, registada através de um android.

O som do sino tem um grande impacto e simbolismo no nosso projeto, pois representa a morte de alguém. Tivemos a oportunidade de gravar a forma antiga e tradicional de fazer o toque de quando uma mulher morria. O toque varia de quando é homem ou mulher, para que os habitantes da aldeia, saibam de imediato essa primeira informação. Quando é homem, fazem os sinais três vezes, quando é mulher só fazem duas.

Para registar o som do sino, utilizámos um microfone Rode, e só tivemos de reduzir um bocadinho o som do toque, pois foi gravado a uma distância muito próxima.



Figura 11- Registo de imagem e do som do José Carlos Proença a fazer os "sinais" do sino (Videmoente, Guarda)

3.6- Promoção

Ao realizar este projeto, além do seu contexto académico, temos como ambição fazer a sua apresentação pública. Referimo-nos não só a uma apresentação na aldeia da protagonista e dos entrevistados, que seria a estreia, no Teatro Municipal, como na participação de alguns festivais

de cinema. Tais como o Festival de Cannes, Festival Horizontes, Porto/Post/Doc, Olhares do Mediterrâneo- Women's Film Festival, Doclisboa- International Film Festival.

Para tal, optámos por criar um cartaz como forma de promoção do nosso documentário.

3.6.1- Cartaz

Para o cartaz optámos por criar algo simples. Utilizámos a fotografia, a preto e branco da protagonista, que aparece na cena final do documentário. Em seguida escolhemos uma tipografia simples para o título - **Sonhei ser atriz** - e colocámos onde achámos que ficasse bem e fosse visível a todos.

Por último, escolhemos outra tipografia, também de carácter simples, para apresentar todas as informações necessárias, em relação ao nosso documentário.

Apresentamos abaixo o nosso resultado.



Figura 12 - Cartaz de autoria própria

3.6.2- Apresentação pública

A estreia do documentário faz todo o sentido que aconteça na aldeia dos Trinta (Guarda), já este verão de 2023, numa sessão com o apoio da Junta de Freguesia na cedência de instalações e logística técnica, bem como na difusão do convite aos habitantes através dos seus canais oficiais próprios. Como as pessoas mais velhas, que são o nosso principal público-alvo, não são frequentadores das redes sociais, hoje cada vez mais em voga na estratégia de comunicação também das juntas de freguesia, faremos nós um convite personalizado quer às mulheres entrevistadas quer a outras pessoas, mulheres e homens, a quem a experiência da emigração diz muito.

Pretende-se aproveitar a projeção do documentário para gerar uma “conversa aberta”, uma tertúlia das memórias da emigração e outras “estórias”, em modelo de assembleia comunitária, contribuindo, assim, para se reforçarem laços de vidas interligadas, partilhar vivências, e, quem sabe, despoletar-se aí um outro ângulo de “exploração” de trabalho que contribua para sistematizar e atualizar, para as novas gerações, este tão importante legado que, na nossa opinião, não pode ser esquecido. Apontamos este evento para o mês de agosto, aproveitando a presença das segunda e terceira gerações de emigrantes, para que haja uma maior participação, não apenas quanto ao critério quantidade, mas na efetiva partilha de sentido de pertença com uma mediação de intervenções que podem ser eventualmente gravadas. Uma espécie de prolongamento de um percurso que iniciámos e que nos interessa prosseguir, como linha de trabalho cruzando o potencial do audiovisual com o “resgate” de estórias que a história de lugares do nosso interior.

Após esta primeira apresentação, faremos uma proposta ao município da Guarda para que, através do setor da cultura, se possa considerar uma sessão no Teatro Municipal da Guarda, integrando a sua programação, ou no último trimestre deste ano ou no primeiro de 2024.

4- Conclusão

Todo este projeto, teve um longo caminho a ser percorrido, mas no final, valeram todas as pesquisas, todas as viagens e todas as conversas.

Para além de termos conseguido alcançar o objetivo principal/final, criar um projeto, de tema livre, conseguimos algo ainda mais importante e bonito.

Ao longo de todo o processo, aprendemos que, por vezes, as pessoas mais simples, são aquelas que têm mais para nos oferecer, não a nível material, mas sim a nível emocional. Aprendemos que cada ser, possui histórias ricas de saberes e aprendizagem, que foram adquiridas ao longo dos anos e vivências, e que muitas dessas histórias são esquecidas, como se observa neste trabalho, quando a D. Cândida afirma que já não se lembra do ano em que partiu para a França.

Cada pessoa que participa neste projeto, teve uma grande importância na vida da protagonista, e de certa forma essa importância vai permanecer nas nossas vidas. Por todas as palavras, por todas as expressões, por todos os olhares de felicidade, de realização, e acima de tudo, de agradecimento, não só dos que estão fisicamente, mas também daqueles que partiram.

Ao realizarmos as entrevistas, sentimos que cada um dos entrevistados, no final, entregaram-nos um olhar de agradecimento, pois estamos a preservar as suas histórias, para que de certa forma fiquem eternizadas. Porém foi uma forma de todos eles, libertarem um “peso” de cima. Tudo o que estes emigrantes passaram, não foi “Pera doce”. Deixaram mães para trás, deixaram a sua terra, deixaram um pouco da sua essência.

Em todas as etapas, aprendemos coisas novas, e tivemos sempre vontade de tirar algumas reflexões. Pois não foi um mero projeto, mas sim uma fonte de aprendizagem.

Esperemos que a nossa geração, ao ver o nosso documentário, ganhe algum interesse pelas histórias que fizeram o povo português de atualmente, sonhador, trabalhador, e, principalmente destemido. Que as gerações futuras, saibam dar valor ao seu passado, e que não tenham vergonha.

Bibliografia e Webgrafia

Amaral, Vítor (2012) O papel do jornalismo público na revitalização da imprensa em Portugal O caso da imprensa regional, Repositório Digital da UBI, <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/3958>

Almeida, Juliano N. (2014) Isto não é um filme de ficção: Bill Nichols e a introdução ao documentário, in:

<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/233/266>

Armés, Diogo (2021) Histórias de lá da França, <https://www.gqportugal.pt/emigracao-portuguesa-em-franca>

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, 2017, in: <https://br.ambafrance.org/A-Declaracao-dos-Direitos-do-Homem-e-do-Cidadao>

A Origem do Cinema, in: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema>

Bastos, Daniel (2019) A memória histórica dos “bidonvilles” portugueses em França, in: <https://www.tveuropa.pt/pais/a-memoria-historica-dos-bidonvilles-portugueses-em-franca/>

Barata, Lurdes, (2021) A mulher e a sua emancipação, in; <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/110/mulher-e-sua-emancipacao>

CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, 2015, Desigualdade Salarial entre Homens e Mulheres em Portugal, in: https://cite.gov.pt/documents/14333/144891/Desigualdade_salarial.pdf

Gonçalves, Albertino (2014) Contudo ela move-se: a emigração portuguesa dos anos sessenta, in: <https://mdocfestival.pt/arquivo/catalogos/fdh014.pdf>

Gregolin, M., Sacrini, M., Tomba, R. A. (s/d) Web-documentário – Uma ferramenta pedagógica para o mundo contemporâneo, in: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/tomba-rodrigo-web-documentario.pdf>

Junqueiro, Abílio de Guerra, Recordam-se Vocês Do Bom Tempo d’Outrora, in: <https://www.poetris.com/frase/a6rohbjq097n5d2i0bgvrd15t>

Neves, Ana Sofia Antunes, et.al, Mulheres imigrantes em Portugal: uma análise de gênero, Psicologia Social e Organizacional, Estud. psicol. (Campinas) 33 (04), Oct-Dec, 2016. <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/4Q3Zh8ByLXbthzXHdXqBC6r/?lang=pt>

Observatório de Emigração, <http://observatorioemigracao.pt/np4/1315/>


O Urânio em Portugal. Da exploração à remediação ambiental, in: <https://www.ordemengenheiros.pt/pt/agenda/webinar-o-uranio-em-portugal-da-exploracao-a-remediacao-ambiental/>


Pordata, <https://www.pordata.pt/db/ambiente+de+consulta/nova+consulta>

Soares, António J.F. (2016) Freguesia de S. Pedro dos Comedeiros do lugar dos Trinta, Outeiro de S. Miguel, Guarda.

Anexos

Anexo 1 e anexo 2- Troca de mail com o músico e licença de direitos de autores fornecida

 **lara amaral** terça, 28/03, 13:47 ☆
Boa tarde! Sou a Lara Amaral, aluna da Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART), de Castelo Branco. Estou a estudar Design de Comunicação e Audiovisual e, nes

 **M-PeX** <mpex.phado@gmail.com> quarta, 5/04, 23:51 ☆ ↶ ⋮
para mim ▾

Olá, Lara,

antes de mais, desculpa por só agora responder.

Obrigado pelo contacto e pelo convite/ proposta. E podes tratar-me por «tu» (espero que não haja problema em tratar-te da mesma forma).

Fico contente em saber que aprecias o meu trabalho!

Muito interessante, o teu projecto final de curso, ainda mais quando pretendes descrever a história da tua avó.

Da minha parte, sendo os fins do documentário académicos e não-comerciais, podes usar a minha música para a banda sonora, com os devidos créditos.

Nesta plataforma, tens a minha discografia completa:
<https://freemusicarchive.org/music/M-PeX/>

O «Volukta» (<https://freemusicarchive.org/music/M-PeX/Volukta>) sendo um disco produzido em co-autoria, prefiro que fique de fora.

Caso a colaboração avance, gostava de ver o documentário na sua progressão de desenvolvimento.

Presumo que no final, o documentário ficará disponível online, certo? Terá licença «CC BY-NC-SA 4.0» (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>) ou outra?

Cumprimentos e boas filmagens,

Marco 'M-PeX'
mpex.phado@gmail.com
<https://mpex.bandcamp.com/>
+351 96 500 97 70

⋮



Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

This is a human-readable summary of (and not a substitute for) the [license](#). [Disclaimer](#).

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Adapt — remix, transform, and build upon the material

The licensor cannot revoke these freedoms as long as you follow the license terms.

Under the following terms:



Attribution — You must give [appropriate credit](#), provide a link to the license, and [indicate if changes were made](#). You

Texto 1:

O lugar de amar pode ser determinado pela mística de um barroco?

Acreditar no destino de uma pedra que se atira à sua sorte.

A vida funde-se com a natureza, conduzida pelas estrelas que tocam a montanhas.

As lendas antigas, são a passagem perene dos que morrem e deixam o caminho aberto para os que nascem.

Uma pedra fala, se dela se souber extrair os tesouros esquecidos. Como no tesouro das palavras das escrituras bíblicas: “Quanto a vós, sede fecundos, multiplicai-vos, povoai a terra e dominai-a!

O que é a vida senão essa missão da tranquila força interior de se sonhar futuros. E povoar a alma com os desejos de se semear esperança, mesmo perante as tenebrosas ameaças da incerteza.

Texto 2:

Os caminhos andados no encaço do que os nossos olhos imaginam, são o sangue que nos alimenta a alma.

Sonhei-me por dentro, com as lágrimas de todas as dores, mas também com a energia de todos os sonhos.

A viagem foi a medo. E o medo se instalaram em mim as esperanças de uma vida melhor.

O que se procura quando o corpo se entrega à aventura? O que encontra quando é o coração a mandar.

Texto 3:

Entre 1960 e 1974 emigraram 940 720 indivíduos em Portugal, à procura de melhores condições de vida.

A França foi um dos mais destacados destinos. Depois dos homens, seguiram-se as mulheres. Uma diáspora de abertura, emancipação e ganha-pão.

Entre cá e lá, numa dualidade de lugares e de pertenças, sempre em viagem, em transição, em passagem. É esta a condição humana.

É esta a aventura primordial de pessoas anónimas que um dia se aventuraram em trabalhar pela felicidade. Entregando o corpo e alma ao futuro.

É esta a aventura de discretas mulheres coragem na busca de um “mundo novo” de liberdade e rendimentos. Trabalho, trabalho, Trabalho. E o regresso depois da reforma. A tranquila sensação de vida cumprida.

É a voz destas mulheres, das memórias, da viagem para o desconhecido, das emoções silenciosas, das lágrimas e das gargalhadas. E nessas vozes a confirmação comum da saudade do país estrangeiro que fez por elas mais do que o país natal.

Texto 4:

Três mulheres de muitas a quem o destino da emigração mudou a vida.

Poderiam ser 30 só dos trinta, aldeia berço de “sangrias” humanas de terras tristes.

A voz de quem conta quase nada para as grandes narrativas da História.

Avós que marcam a vida dos que lhes nasceram do sangue.

Mulheres coragem, mulheres trabalho, mulheres liberdade.

Texto 5:

Quando era rapariga e vinham os comediantes à minha aldeia, ficava encantada.

Queria ser como eles, andar de terra em terra a divertir as almas tristes.

Sentia em mim uma vontade de não fazer da vida apenas uma herança das coisas banais.

Aquelas pessoas ambulantes respiravam alegria e faziam-me acreditar que, para lá das montanhas agrestes, havia mais mundo.

Por causa disso, até sonhei ser atriz, e vestir roupas coloridas, conhecer outros lugares e fazer da vida uma viagem feliz.

Olhei sempre de cabeça levantada, segura de que o coração não nos engana, até à última luz dos meus dias.

A viagem foi mesmo feliz.

E o sonho está a cumprir-se sou finalmente atriz.